

MAGNA CAMPOS

Manual de gêneros acadêmicos:

Resenha, Fichamento, Memorial, Resumo
Científico, Relatório, Projeto de Pesquisa,
Artigo científico/paper, Normas da ABNT

Mariana-MG

MAGNA CAMPOS

Manual de gêneros acadêmicos:

**Resenha, Fichamento, Memorial, Resumo
Científico, Relatório, Projeto de Pesquisa,
Artigo científico/paper, Normas da ABNT**

1ª edição

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-918919-1-7



Mariana,
Edição do Autor
2015

SUMÁRIO

A RESENHA COMO GÊNERO ACADÊMICO	3
Tipos de resenha	4
Resenha Indicativa ou Descritiva	4
Resenha Temática	4
Resenha Crítica	6
Propósitos da resenha acadêmica	7
A elaboração da resenha crítica	7
Roteiro para elaboração de uma resenha	9
Procedimento de leitura	11
COMO ELABORAR UM FICHAMENTO	16
Tipos de fichamentos	17
Fichamento tipo citação	17
Fichamento bibliográfico	18
Fichamento tipo resumo	19
O GÊNERO MEMORIAL	22
O Memorial como recurso na/da pesquisa educacional	22
Normas para apresentação do memorial de formação ou de prática educacional	25
O PROJETO DE PESQUISA	30
Elementos que compõem o projeto de pesquisa	30
O GÊNERO TEXTUAL RESUMO CIENTÍFICO	43
Movimentos retóricos prototípicos do resumo	43
O GÊNERO TEXTUAL RELATÓRIO	45
Tipos de relatórios	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
Elementos da referência	50
CITAÇÕES CIENTÍFICAS	59
Citações diretas	61
Citações indiretas	62
Citação de citação	63
O GÊNERO TEXTUAL ARTIGO CIENTÍFICO	64
Aprenda a elaborar um artigo científico	64
Anexos: formatação no word	79

A RESENHA COMO GÊNERO ACADÊMICO

Ms. Magna Campos

Conceituação:

A resenha consiste na apresentação sucinta e na apreciação crítica do conteúdo de uma obra. Compreende, basicamente, a apresentação do autor e da obra, o resumo, o comentário crítico e a indicação de uma obra, seja ela de cunho artístico, científico ou literário¹.

A resenha deve levar ao leitor informações objetivas sobre o assunto de que trata a obra, destacando a contribuição do autor no que tange à abordagem inovadora do tema ou problema, aos novos conhecimentos, às novas teorias, às relações com os saberes de uma determinada área do conhecimento. Além de ser capaz indicar o “leitor virtual” mais adequado para a leitura da obra.

O gênero textual resenha, de acordo com Alcoverde e Alcoverde (2007), assim como muitos outros gêneros, possui suas especificidades e configurações. Assim, o mero ensino da organização global de um gênero não é suficiente para fazer você chegar a uma produção adequada. Precisamos, então, levar em consideração qual o papel social de nosso texto escrito, com que propósito nos envolvemos nessa situação discursiva, o que conhecemos sobre o que vamos enunciar e qual os possíveis destinatários de nossa resenha. Além de ser necessária ter a clareza de saber-se em que suporte a resenha vai circular (jornal, revista científica, trabalho acadêmico etc.).

É importante chamar a sua atenção no sentido de que há diferentes possibilidades de se elaborar uma resenha², remetendo, portanto, a contextos de produções diferentes. Como a resenha é um gênero textual que fala sobre outro gênero textual de outro autor, é natural que haja comentários sobre a obra resenhada e sobre seu autor. Assim, nem todas as resenhas apresentam o mesmo formato, pois o gênero textual resenha varia de acordo com o **tipo**.

¹ Podem ser resenhados filmes, peças teatrais, livros literários, livros acadêmico-científicos, artigos etc...

² MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. **Resenha**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

Tipos de resenha:

É comum o resenhista de iniciante confundir-se com as variedades de estruturação desse gênero textual, encontradas nos mais diferentes suportes textuais. Essa confusão, muitas vezes, ocorre por se tratarem de tipos diferentes de resenhas.

Esses tipos podem ser assim classificados:

Resenha Indicativa ou Descritiva:

É aquela encontrada em jornais e encartes de Dvds, por exemplo, cuja função é fazer uma breve apresentação da obra (livro ou filme), seguida de uma classificação do material, além de fazer uma indicação de público alvo (leitor virtual).

Apresenta comumente:

1. Resumo bem sintético;
2. Dados gerais da obra;
3. Apreciação.

Exemplo de resenha indicativa de filme:

A MAÇÃ

O filme narra a história de duas irmãs gêmeas que ficaram aprisionadas em casa por onze dos seus treze anos de vida. Vítimas da obediência extrema a um preceito do Alcorão que reza que "meninas são como flores que, expostas ao sol, murchariam", foram libertadas após uma denúncia feita pelos vizinhos e publicada nos jornais. Samira Makhmalbaf, uma menina de 18 anos, decide filmar o processo de libertação e adaptação das irmãs à vida social. Este processo é marcado por muitos desafios e descobertas do mundo externo como andar nas ruas, ir à feira, conviver com outras crianças, tudo balizado por um novo prazer de viver. As cenas são fortes e comoventes, revelando a descoberta da liberdade e da vida. Vale a pena!

FICHA TÉCNICA

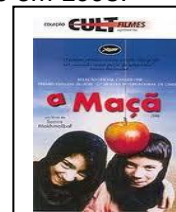
Características: filme iraniano, colorido, legendado, com 86 minutos, produzido em 1998.

Direção: Samira Makhmalbaf

Gênero: drama

Distribuição em vídeo: Cult Filmes

Qualificação: ☆ ☆ ☆



Fonte: portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Profa/cat_res.pdf

Resenha Temática:

Trata-se de uma leitura apreciativa de um mesmo tema em textos diferentes ou em diferentes autores. De acordo Köche, Boff e Pavani (2009, p. 105)³ “a resenha temática consiste em um gênero textual que sintetiza mais de um texto ou obra, em torno de um só assunto, estabelecendo relações entre suas ideias”.

Geralmente esse tipo de resenha segue o seguinte ordenamento:

1. Título
2. Apresentação do tema
3. Resumo os textos ou dos posicionamentos
4. Conclusão
5. Fontes bibliográficas.

Exemplo de resenha temática:

Entre *anima* e corpo⁴

Este trabalho refere-se a uma brevíssima comparação da visão de homem que perpassa a Filosofia e as Ciências Naturais. Para isso, toma os conceitos de mecanicismo e como vértice explicativo do homem, na dualidade, mente e alma, de René Descartes; passa pelo dualismo “mente e comportamento”, de Skinner e o comportamento operante; indo até Richard Dawkins e o homem funcional dotado de intenção biológica, imbuído e “destinado” a ser uma “maquina gênica”.

É necessário para uma melhor compreensão voltarmos ao século XVII, no qual o filósofo René Descartes confere ao homem uma parte no mundo puramente mecânica semelhante às marionetes manipuladas por fios e cordas do teatro francês. O dualismo cartesiano aparta o homem da besta-fera, quando lhe confere o que chama de “substância” (alma/mente).

Skinner formula a teoria do comportamento operante, já que o comportamento seria a base explicativa da ação do homem sob o meio. Skinner entende que o comportamento do homem é produto da relação deste com o meio e propõe que três seriam os determinantes da modelagem do comportamento: a filogenia, ontogenia e a cultura. A alma ou mente é deixada de lado e, segundo essa perspectiva, não poderia determinar nem influenciar no comportamento humano. Toda a explicação influenciada pela metafísica ou que inferiria que a entidade “mente” influencia ou opera sobre o somático é tida como *mentalista* ou uma explicação “fictícia”, que não tem base, nem valor científico.

Dawkins resgata e o mecanicismo ingênuo de Descartes, e com a cientificidade da biologia inverte o conceito do antropomorfismo e devolve ao homem o “*status*” de animal, desprovido de característica ou ancestralidade divina. Como Skinner, deixa de lado o fator alma ou razão metafísica para explicar o razão da existência e comportamento humano. Como zoólogo, Dawkins vincula a existência humana a uma espécie de “padrão fixo de ação”, ou seja, a replicação gênica e perpetuação da espécie (*homo sapiens*).

O pensamento mecanicista e pragmático de homem “máquina”, dotado de estruturas ou conjuntos orgânicos com uma funcionalidade previsível, não é uma corrente epistemológica nova, mas, remete-nos a origem do pensamento racional e é anterior ao “positivismo” Comtiano.

Descartes entendia o homem como semelhante aos animais na forma e estrutura fisiológica. Assim, a mecânica hidráulica de seu tempo servia-lhe de inspiração, e se houve um “erro” cometido por Descartes, segundo Damásio (1996), é o de não ter alocado no encéfalo do homem o que ele chamava de “substância” ou mente. Damásio, como neurologista, entende a tal “mente” intrínseca a processos neuronais.

³ KÖCHE, Vanilda; BOFF, Odete; PAVANI, Cinara. **Prática textual**: atividades de leitura e escrita. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

⁴ Texto reescrito e melhor elaborado a partir do texto de Hilton Caio Vieira. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/61000137/Resenha-Tematica-Hilton-Caio-Vieira>. Acesso em: 11 nov./ 2011.

Skinner, seguindo a influência do behaviorismo de Watson quanto a necessidade da cientificidade e operacionalização da psicologia, cria o behaviorismo radical que não nega sentimentos ou emoções humanas, mas, procura entendê-los como uma forma de comportamento possível de análise.

Assim, a filosofia do comportamento entende o homem como sendo determinado pelas contingências ambientais. Skinner cria uma psicologia empirista e pragmática, deixando para o senso comum conceitos como alma, mente ou espírito. Para ele, o homem é influenciado pelo ambiente e difere-se da marionete pensada por Descartes, por esse não ser um autômato. Segundo Skinner, o homem modifica e interage com o meio, e por este é transformado. Ou seja, não é passivo, atua e é modificado, transformado, vive uma relação dinâmica com o meio, que modela seu comportamento criando novas contingências tornando-o mais adaptado à sobrevivência no meio.

Dawkins, como cientista da biologia, influencia a discussão quanto ao comportamento, pois parece concordar com a ideia de que processos neurais e comportamentais enquadram-se em modelos computacionais. O homem seria uma “máquina”, um organismo dotado de racionalidade, porém, puramente biológico, livre de influências externas de caráter divino como mente ou espírito. Dawkins é mais radical que Skinner e propõe que os experimentos com animais podem ser realizados de forma simulada em um ambiente totalmente controlado.

Pode-se depreender, portanto, que a ideia dos dois últimos autores difere bastante da ideia de Descartes. Skinner e Dawkins, mesmo entendendo a singularidade do homem e respeitando-a, apresenta fortes argumentos de que o “animal” homem é multideterminado em seu comportamento, mas não é superior, ou melhor, que um animal infra-humano (ratos e pombos). Já Descartes, introduz a ideia de que o homem seria uma máquina que pensa, os seus músculos são comandados pelo cérebro através do sistema nervoso, além de figurar um dualismo: o corpo capaz de movimento resultante do engenho divino e um corpo autômato capaz de movimento resultante do engenho humano.

Referências bibliográficas:

DAWKINS, R. **O gene egoísta**. São Paulo: EDUSP. 1979.

DAMÁSIO, A. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras. 1996.

DESCARTES, R.. **Discurso do método**. São Paulo, SP: Editora Escala, 2006

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. 8. Ed. São Paulo: Martins Fontes. 1993.

Resenha Crítica⁵:

A resenha crítica é um tipo de resenha que se inicia pela referência bibliográfica do texto resenhado, apresenta o autor e a obra, resume as principais ideias do texto, apresenta uma apreciação crítica tanto de aspectos formais quanto contedutísticos desse mesmo texto e ainda faz uma recomendação “crítica” de quem deve lê-lo.

Normalmente o resenhista se considera alguém que conhece o assunto, a partir de outras leituras. No entanto, se não tiver conhecimento sobre o assunto, pesquise para inteirar-se melhor sobre ele, antes de iniciar a resenha. Em função disso, ao comentar o texto base (fazer a resenha), o resenhista, muitas vezes, cita outros autores/obras de referência para enriquecer seu comentário crítico.

⁵ A mais comum no início dos estudos na graduação.

Por esse fator, a *resenha é um gênero textual de leitura compreensiva e interpretativa de textos.*

Propósitos da resenha acadêmica⁶

A resenha de obras científicas é, em geral, feita por cientistas que, além do conhecimento especializado do tema, têm condições de emitir um juízo crítico (ou seja, juízo de valor). *Quando realizada como um trabalho acadêmico, tem o propósito de exercitar a capacidade de compreensão e de leitura crítica do estudante, bem como a associação dos textos resenhados com o(s) conteúdo(s) de uma(s) disciplina(s) de um curso específico.*

Ainda, é importante ressaltar que a resenha tornou-se importante recurso para os pesquisadores e estudantes que, de um modo geral, em sua atividade profissional ou de estudo requerem informações sobre a produção científica, artística ou cultural em seu campo de interesse. O que, em decorrência, principalmente, da explosão de conhecimentos característica da sociedade contemporânea leva-os a buscarem fontes de apoio para acessarem os mais variados assuntos, livros, autores etc.. Uma vez que, mediante a leitura do resumo da obra e da avaliação desta, que a resenha possibilita, o profissional ou o estudante pode decidir sobre a conveniência ou não de ler (ou adquirir) a obra.

Portanto, a resenha crítica deve apresentar:

1. Referência bibliográfica do texto resenhado;
 2. Credenciais do autor e/ou da obra;
 3. Resumo informativo;
 4. Crítica à forma e ao conteúdo;
 5. Indicação de leitura.
- ✓ (pode conter ao final outras referências bibliográficas, caso sejam usadas fontes extratextuais).

Cada uma dessas etapas será mais bem evidenciada mais à frente.

A elaboração da resenha crítica:

⁶ LEAL, Elisabeth Junchem Machado; FEURSCHUTTE, Simone Ghisi. **Elaboração de trabalhos acadêmico-científicos**. Itajaí, 2003. Material de aula.

Há procedimentos para que as vozes, a do resenhista e a do autor da obra, sejam bem definidas para que o leitor saiba destacar, tanto a autoria do discurso do resenhista quanto a autoria do autor da obra resenhada.

Assim, a resenha deve abranger um conjunto determinado de informações⁷, de modo a cumprir sua finalidade. Por exemplo, o resenhista dá ênfase ao seu discurso em relação ao discurso do autor. Desta forma, num discurso alocam-se outros locutores (outras vozes sociais) e enunciadorees (outros posicionamentos).

Tanto no discurso direto, isto é, o que transcreve fidedignamente as palavras do outro, como no discurso indireto, no qual o autor da resenha parafraseia o autor do texto, empregam-se os chamados verbos *discendi* (verbos do dizer). Exemplo de alguns:

Dizer, falar, comentar, afirmar, propor, determinar, mencionar, discutir, afirmar, confirmar, exemplificar, examinar, pretender, referir, reiterar, recomendar, argumentar, explicar, postular, descrever, permitir...

Veja um fragmento de uma resenha⁸ no qual essa abertura à locução é realizada:

É sempre instigador pensarmos que, apesar de haver enorme quantidade de pesquisas sobre o tema do fracasso escolar, tão pouco tenha mudado nas últimas décadas. Marchesi **permite-nos** entender a razão desse fato. [...]

Uma resenha deve propiciar ao leitor uma informação primeira e básica sobre a obra resenhada, sobre o tipo dessa obra, o autor, o momento da publicação e dados similares. O trecho a seguir nos dá um exemplo disso.

O livro de Álvaro Marchesi é instigador em vários sentidos, a começar pelo título. Trata-se de uma obra que retoma os problemas de aprendizagem em suas múltiplas perspectivas, mostrando que é possível estabelecer políticas efetivas para enfrentar o problema do fracasso escolar. [...]

A primeira vez que se referir ao autor, mencione o *nome completo*, conforme a publicação dispõe; nas demais vezes, utilize o *sobrenome* para referir-se a ele.

⁷ O resenhista poderá (ou não) dar um título a sua resenha; se optar por intitular, o título deverá guardar estreita relação com algum atributo ou ideia mais destacada da obra, segundo a percepção do resenhista.

⁸ Adaptado a partir de: ALCOVERDE, Maria Divanira; ALCOVERDE, Rossana Delmar. **Produzindo gêneros textuais**: a resenha. Natal: UEPB/UFRN, 2007

Roteiro para elaboração de uma resenha⁹:

ATENÇÃO: Ainda que aqui seja apresentada uma enumeração, o que se justifica pelo intuito didático, o texto da resenha figura a partir da referência inicial como um único texto, não segmentado por separações de espaço, as quais não sejam normais aos demais.

- 1)** Referência bibliográfica do texto resenhado (padrões da NBR 6023)
- 2)** Introdução breve que contextualiza o autor, apresenta suas credenciais, contextualiza o assunto da obra lida, seus objetivos/foco e sua relevância para um leitor interessado no assunto.
- 3)** Resumo informativo da obra (pode ser com crítica ou sem crítica):
 - Sem crítica, apresenta apenas uma descrição das ideias contidas na obra.
 - Com crítica, apresenta as ideias, já colocando a opinião, ou seja, indicando pontos positivos e/ou negativos, revelando ideologias, argumentações etc. Nesse caso, podem aparecer citações entre aspas ou recuadas (citações formais), normalmente acompanhada das páginas de onde elas foram extraídas.

No resumo deve constar, ainda, informações sobre a obra: se é dividida em capítulos (estrutura) – quantos, quais, como? (se houve um mais importante – por quê?) e, ainda, pode-se esclarecer se o livro tem outras menções a outros autores.

No resumo, até que tenha destreza suficiente com o gênero, pode-se usar como apoio o esquema apresentado:

O artigo de... ou O livro de.../ No artigo “...” ou No livro de “...” (nome do autor)
 O objetivo do autor...
 Para isso,... / Na tentativa de.../ Seguindo essa perspectiva...
 O artigo divide-se em... ou O livro está organizado em ...
 Primeiro.../ Primeiramente.../ Na primeira parte... No primeiro capítulo...

⁹ Baseia-se no modelo apresentado por Lakatos e Marconi (1995, p.245-246) e adaptado para fins didáticos neste texto. MARCONI, M.A; LAKATOS, E.M. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

O autor apresenta.../ o autor afirma.../ o autor propõe.../ O estudioso elenca.../ O teórico trata da...

No item seguinte... / A seguir...

Podemos observar que... /

Finalmente...

É importante que o resenhista considere o contexto da produção em que a obra foi produzida. Para isso, ele pode levantar aspectos que relacionem a obra ao contexto sócio-histórico em que foi produzida.

4) Avaliação crítica (pelo resenhista): à forma e ao conteúdo

Avaliação geral da obra, analisando-se a qualidade/consistência dos argumentos. Aqui, o resenhista posiciona-se frente ao texto, analisando-o; lança, também, um olhar para as fontes, teorias e outros autores mencionados no texto; identifica os diversos tipos de contextos nos quais a obra está inserida.

✓ Quanto ao aspecto formal:

- O estilo: é conciso, objetivo, claro, coerente, preciso? a linguagem é correta?
- A forma: é lógica, sistematizada? utiliza recursos explicativos (ilustrações, exemplos, gráficos, desenhos, figuras, etc.)
- Se há alguma falha grave de edição. Nesse caso, deve indicar a página.
- Se a linguagem utilizada na obra é clara e acessível; se é uma linguagem técnica, se o autor faz uso de jargões. E outros tantos aspectos que o resenhista julgar interessantes.

✓ Quanto ao conteúdo:

- qual a contribuição dada?
- as ideias são originais, criativas?
- a abordagem dos conhecimentos é inovadora?
- a argumentação é clara e mostra ligação com a área?

5) Indicação de leitura

A quem se destina a obra: grande público, especialistas, estudantes? Quem melhor pode aproveitar-se da leitura do texto.

Procedimento de leitura:

A elaboração de uma resenha requer a aquisição gradativa, pelo estudante, de competências de leitura, análise, compreensão e interpretação de textos científicos. Por isso, as diretrizes para leitura e interpretação de textos com vistas a obter o melhor proveito dos textos estudados, podem ajudar tanto no preparo para a elaboração de resenhas, como de outros trabalhos acadêmicos.

A análise textual: etapa em que o estudante faz uma leitura atenta, porém corrida, do texto para identificar seu plano geral; buscar dados sobre o autor, sobre o vocabulário (conceitos, termos fundamentais à compreensão do texto), os autores citados, marcar e esquematizar as ideias relevantes.

A análise temática: procura interrogar e identificar do que fala o texto, ou seja, qual o tema? Como o autor problematiza o tema? Que posição assume? Como expõe passo a passo seu pensamento, ou seja, como se processa a argumentação? Qual é a ideia central e as ideias secundárias?

A análise interpretativa crítica: o estudante procura tomar uma posição a respeito das ideias enunciadas, procura estabelecer uma aproximação, associação e/ou comparação com as ideias temáticas afins e com os autores que tenham desenvolvido a mesma ou outra abordagem do tema. Formula um juízo crítico, avaliando o texto pela sua coerência interna, quer dizer, pela maneira como o autor desenvolve e aprofunda o tema. Avalia também sua originalidade, alcance, validade e contribuição à discussão do problema.

Apresentação da resenha digitada:

Fonte: Arial / tamanho 12.

Alinhamento do texto: justificado.

Espaçamento entre linhas 1,5cm ou duplo.

Não há espaçamento de parágrafo, apenas recuo de 1,5 na primeira linha.

Papel: A4. /Margens: esquerda e superior → 3cm; direita ou inferior → 2cm.

Leia os dois exemplos de resenhas críticas:

Exemplo 1: resenha crítica:

ALVES-MAZZOTTI, Alda J.; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1999. 203p¹⁰.

Alda Judith Alves-Mazzotti é mestre em Educação, doutora em Psicologia da Educação, professora titular de Psicologia da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e leciona a disciplina de Metodologia da Pesquisa em cursos de graduação e pós-graduação desde 1975. Fernando Gewandszajder é mestre em Educação e em Filosofia, doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ambos possuem outras obras na área da Educação.

O livro “O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa” tem por objetivo discutir alternativas e oferecer sugestões para estudantes universitários e pesquisadores, a fim de que possam realizar, planejar e desenvolver as próprias pesquisas, na graduação e pós-graduação, utilizando-se do rigor necessário à produção de conhecimentos confiáveis. É constituído de duas partes, cada uma delas sob a responsabilidade de um autor, traduzindo sua experiência e fundamentação sobre o método científico, em abordagens que se complementam.

Na primeira parte, Gewandszajder discute, em quatro capítulos, o método nas ciências naturais, apresentando conceitos básicos como o da lei, teoria e teste controlado. No capítulo inicial, há uma visão geral do método nas ciências naturais e um alerta sobre a não concordância completa entre filósofos da ciência sobre as características do método científico. Muitos concordam que há um método para testar criticamente e selecionar as melhores hipóteses e teorias. Neste sentido, diz-se que há um método científico, em que a observação, a coleta dos dados e as experiências são feitas conforme interesses, expectativas ou ideias preconcebidas, e não com neutralidade. São formuladas teorias que devem ser encaradas como explicações parciais, hipotéticas e provisórias da realidade.

O segundo capítulo trata dos pressupostos filosóficos do método científico, destacando as características do positivismo lógico, segundo o qual o conhecimento factual ou empírico deve ser obtido a partir da observação, pelo método indutivo, bem como as críticas aos positivistas, cujo objetivo central era justificar ou legitimar o conhecimento científico, estabelecendo seus fundamentos lógicos e empíricos. Neste capítulo, são discutidas as proposições de Karl Popper (1902- 1994), de Thomas Kuhn (1922- 1996), e dos mais contemporâneos Lakatos e Feyerabend. Gewandszajder menciona que nos períodos chamados de “Revoluções Científicas”, ocorre uma mudança de paradigma; novos fenômenos são descobertos, conhecimentos antigos são abandonados e há uma mudança radical na prática científica e na “visão de mundo” do cientista. A partir do final dos anos sessenta, a Escola de Edimburgo, defende que a avaliação das teorias científicas e seu próprio conteúdo são determinados por fatores sociais. Assume as principais teses da nova Filosofia da Ciência e conclui que o resultado da pesquisa seria menos uma descrição da natureza do que uma construção social.

O terceiro capítulo busca estimular uma reflexão crítica sobre a natureza dos procedimentos utilizados na pesquisa científica. Destaca que a percepção de um problema deflagra o raciocínio e a pesquisa, levando-nos a formular hipóteses e a realizar observações. Importantes descobertas não foram totalmente casuais, nem os cientistas realizavam observações passivas, mas mobilizavam-se à procura de algo, criando hipóteses ousadas e pertinentes, o que aproxima a atividade científica de uma obra de arte. Visando apreender o real, selecionamos aspectos da realidade e construímos um modelo do objeto a ser estudado. Mas isto não basta: há que se enunciar leis que descrevam seu comportamento. O conjunto formado pela reunião do modelo com as leis e as hipóteses constitui a teoria científica.

No quarto capítulo, Gewandszajder conclui a primeira parte da obra, comparando a ciência a outras formas de conhecimento, mostrando que tal distinção nem sempre é nítida e, que aquilo que atualmente não pertence à ciência, poderá pertencer no futuro. Apresenta críticas a áreas cujos

¹⁰ Resenha adaptada pela professora Magna Campos a partir do texto “O Método Científico”, produzido por Joana Maria Rodrigues Di Santo.

conhecimentos não são aceitos por toda a comunidade científica, como: paranormalidade, ufologia, criacionismo, homeopatia, astrologia. Na maioria das vezes, o senso comum, formado pelo conjunto de crenças e opiniões, limita-se a tentar resolver problemas de ordem prática. Assim, enquanto determinado conhecimento funcionar bem, dentro das finalidades para as quais foi criado, continuará sendo usado. Já o conhecimento científico procura sistematicamente criticar uma hipótese, mesmo que ela resolva satisfatoriamente os problemas para os quais foi concebida. Em ciência procura-se aplicar uma hipótese para resolver novos problemas, ampliando seu campo de ação para além dos limites de objetivos práticos e problemas cotidianos.

Na segunda parte do livro, Alves-Mazzotti discute a questão do método nas ciências sociais, com ênfase nas metodologias qualitativas, analisando seus fundamentos. Coloca que não há um modelo único para se construir conhecimentos confiáveis, e sim modelos adequados ou inadequados ao que se pretende investigar e que as ciências sociais vêm desenvolvendo modelos próprios de investigação, além de propor critérios para orientar o desenvolvimento da pesquisa, avaliar o rigor dos procedimentos e a confiabilidade das conclusões que não prescindem de evidências e argumentação sólida.

O capítulo cinco analisa as raízes da crise dos paradigmas, situando historicamente a discussão sobre a cientificidade das ciências sociais. Enfatiza fatos que contribuíram para estremecer a crença na ciência, como os questionamentos de Kuhn, nos anos sessenta, sobre a objetividade e a racionalidade da ciência e a retomada das críticas da Escola de Frankfurt, referentes aos aspectos ideológicos da atitude científica dominante. Mostra que os argumentos de Kuhn, relativos à impossibilidade de avaliação objetiva de teorias científicas, provocaram reações opostas, a saber: tomados às últimas consequências, levaram ao relativismo, representado pelo “vale tudo” de Feyerabend e pelo construtivismo social da Sociologia do Conhecimento. De outro lado, tais argumentos foram criticados à exaustão, visando indicar seus exageros e afirmando a possibilidade de uma ciência que procure a objetividade, sem confundir-la com certeza.

O capítulo seis apresenta aspectos relativos ao debate sobre o paradigma qualitativo na década de oitenta. Inicialmente caracteriza a abordagem qualitativa por oposição ao positivismo, visto muitas vezes de maneira ingênua. Wolcott denuncia a confusão na área, Lincoln e Guba denominam o novo paradigma de construtivista e Patton capta o que há de mais geral entre as modalidades incluídas nessa abordagem, indicando que seguem a tradição compreensiva ou interpretativa.

O capítulo sete trata da Conferência dos Paradigmas Alternativos, em 1989. Nele são apresentados como sucessores do positivismo:

- a) Construtivismo Social – influenciado pelo relativismo e pela fenomenologia, enfatizando a intencionalidade dos atos humanos e privilegiando as percepções. Considera que a adoção de teorias *a priori* na pesquisa turva a visão do observado.
- b) Pós-positivismo – defende a adoção do método científico nas ciências sociais, preferindo modelos experimentais com teste de hipóteses, tendo como objetivo último a formulação de teorias explicativas de relações causais.
- c) Teoria Crítica, - quando o termo assume, pelo menos, dois sentidos distintos: (1) análise rigorosa da argumentação e do método; (2) ênfase na análise das condições de regulação social, desigualdade e poder.

Encerrando a obra, o capítulo oito realiza uma revisão da bibliografia, destacando dois aspectos pertinentes à pesquisa: (1) análise de pesquisas anteriores sobre o mesmo tema e ou sobre temas correlatos; (2) discussão do referencial teórico. Sendo a produção do conhecimento uma construção coletiva da comunidade científica, o pesquisador formulará um problema, situando-se e analisando criticamente o estado atual do conhecimento em sua área de interesse, comparando e criticando abordagens teórico-metodológicas e avaliando o peso e confiabilidade de resultados de pesquisas, identificando pontos de consensos, controvérsias, regiões de sombra e lacunas que merecem ser esclarecidas. Se posicionará quanto ao referencial teórico a ser utilizado e seguirá o plano estabelecido.

Com estilo claro o objetivo, os autores dão esclarecimentos sobre o método científico nas ciências naturais e sociais, exemplificando, impulsionando reflexão crítica e discussão teórica sobre fundamentos filosóficos. Os exemplos citados amplamente nos auxiliam na compreensão da atividade científica e nos possibilitam analisar e confrontar várias posições, a fim de chegarmos à nossa própria fundamentação teórica, decidindo-nos por uma linha de pesquisa. Mostram-nos a imensa possibilidade de trabalhos que existe no campo da ciência, além de nos encaminhar para exposições mais detalhadas a respeito de determinados tópicos abordados, relacionando autores e bibliografia específicos. Não se trata de um simples manual, com passos a serem seguidos, mas de um livro que apresenta os fundamentos necessários à compreensão da natureza do método

científico, nas ciências naturais e sociais, bem como diretrizes operacionais que contribuem para o desenvolvimento da atitude crítica necessária ao progresso do conhecimento.

A obra fornece subsídios à nossa pesquisa científica, à medida que trata dos principais autores/protagonistas da discussão/construção do método científico na história mais recente, reportando-se a esclarecimentos mais distantes sempre que necessário. Com sólidos conhecimentos acerca do desenrolar histórico, os autores empenham-se em uma argumentação que visa apresentar clara e detalhadamente as circunstâncias e características da pesquisa científica, levando-nos a compreender as ideias básicas das várias linhas filosóficas contemporâneas, bem como a descobrir uma nova maneira de ver a ciência e o conhecimento científico. A abordagem realizada pelos autores exige conhecimentos prévios para ser acompanhada, como por exemplo, saber diferenciar-se “conhecimento” de “informação”, ter clareza sobre os diversos “tipos de conhecimento”, reconhecendo o valor de cada um deles, além de diversas releituras e pesquisas quanto a conceitos, autores e contextos apresentados, uma vez que as conclusões emergem a partir de esclarecimentos e posições a respeito da não neutralidade e da tendência à verdade do conhecimento científico.

Finalmente, com o estudo dessa obra, podemos amadurecer mais, inclusive para aceitar e até solicitar crítica rigorosa, que em muito pode enriquecer nosso trabalho. É de grande auxílio, principalmente, àqueles que desenvolvem trabalhos acadêmicos no campo da ciência social e aos iniciantes no estudo da metodologia científica.

Exemplo 2: Resenha crítica

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001. 260p.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman, professor emérito de sociologia na Universidade de Leeds, na Inglaterra, é um dos mais prestigiados estudiosos da pós-modernidade; destaca-se por suas análises do cotidiano, do processo de globalização, do consumo e dos vínculos sociais possíveis no mundo atual, caracterizado, segundo o autor, pela velocidade e pela efemeridade.

Usando a metáfora da liquidez, analisa, em seu livro *Modernidade Líquida*, alguns dos pontos centrais para a compreensão do social nos dias de hoje. A obra traça uma distinção entre uma modernidade sólida e uma modernidade líquida. Para o autor, a modernidade sólida é representada pela certeza, pela organização taylorista fabril, por empregos duradouros, por uma concepção territorial de espaço, economia, identidade e política. A modernidade líquida é representada pela incerteza, pelas formas flexíveis de trabalho e organização, pela guerra de informações, pela desterritorialização da política e da economia (globalização) e, sobretudo, pelo processo de individualização. Para marcar as diferenças entre esses dois momentos, Bauman analisa cinco conceitos sociais básicos e suas transformações nesse processo de liquidificação: emancipação, individualidade, tempo/espaço, trabalho e comunidade.

Nessa nova configuração da modernidade, derretem-se “sólidos” (programas econômicos, estruturas sociais) para tentar moldá-los de outra maneira, ainda que efêmera. Segundo Bauman, a solidez das instituições sociais, (do estado de bem-estar, da família, das relações de trabalho, entre outras) perde espaço, de maneira cada vez mais acelerada, para o fenômeno de liquefação. Fluidez, maleabilidade, flexibilidade e a capacidade de moldar-se em relação a infinitas estruturas, são algumas das características que o estado liquefeito conferirá às tantas esferas dos relacionamentos humanos.

A liquefação dos sólidos explicita um tempo de desapego e provisoriedade. O desprendimento das redes de pertencimento social — incluindo aí a própria família — caminha em paralelo com o processo de individualização.

Neste contexto, a cultura do Eu sobrepõe-se à do Nós, e o relacionamento eu-outro ganha ares mercantis, em que os frágeis laços têm a possibilidade de serem desfeitos frente a qualquer desagrado de ambas as partes. Privatizam-se não somente os “serviços” de cunho social (que na

modernidade sólida eram direitos do cidadão), como as próprias parcerias humanas. Relacionamentos voláteis e fluidos remetem a uma sensação de descompromisso, que é muitas vezes associada à liberdade individual.

O outro lado dessa suposta liberdade vem com o crescente movimento de criação de novas patologias, próprias da modernidade líquida. Depressão, solidão, desamparo, isolamento são, no plano do indivíduo, queixas cada vez mais frequentes. Na esfera social, temos as exclusões de toda ordem como sintoma de uma perversa sensação de liberdade e desterritorialização.

Para Bauman, a modernidade liquidificada (e o processo de individualização nela embutido) possibilitou um tal desenvolvimento econômico que oferece diversas alternativas de escolha (consumo), mas que também gerou uma separação entre uma elite com grande capacidade de consumo e uma massa de não consumidores. Pobres, migrantes, imigrantes, homossexuais, feios, gordos, negros e estrangeiros, todos pairam no ar sob o rótulo da exclusão ou, melhor colocado, da inclusão perversa.

A questão da (suposta) liberdade preconizada pela modernidade líquida, torna-se clara a percepção de que ser ou sentir-se livre para ir, vir e desapegar-se é *status* proporcional ao poder de consumo individual. Ter é ser e ser é estar. Na modernidade líquida não há compromisso com a ideia de permanência e durabilidade. Neste panorama, as identidades estão à disposição do consumidor. Ser é, para aqueles que podem, consumir. Aos outros, todos os demais, excluídos perversamente do jogo ter/estar, resta ocupar a posição de “vagabundos”.

Bauman também identifica uma lógica de nessa segregação social e também espacial, decorrente da sensibilidade alérgica aos estranhos e ao desconhecido e da incapacidade de aceitar e cuidar do humano na humanidade, em função da ausência de compromisso com o próximo. O medo instaura-se. A segregação é imposta e escolhida. Opta-se por estabelecer vínculos virtuais. Boa parte dos indivíduos encarcerados em seus apartamentos e condomínios, preocupados em salvaguardar seus bens – materiais e imateriais – não se considera responsável por aquilo que os muros, grades e sistemas de segurança deixam do lado de fora: a miséria do outro, a diferença constrangedora e desagradável do estrangeiro.

O livro *Modernidade Líquida* – com sua divisão em cinco capítulos que facilitam a leitura e a compreensão das ideias desenvolvidas pelo autor – é escrito em uma linguagem clara e coerente com tais ideias e mostra não só a criatividade do autor no uso de uma metáfora clara e adequada para explicar o atual estágio da modernidade, mas também a diferença que Bauman apresenta em relação aos seus contemporâneos, especialmente Giddens e Beck, citados pelo próprio autor ao longo dos capítulos. Há uma convergência na análise que fazem sobre os processos que desembocaram no atual estágio da modernidade. A divergência mostra-se na avaliação da liquidificação da modernidade e dos projetos políticos que devem ser construídos deste momento em diante.

Modernidade Líquida é a extensão do pensamento crítico de Zygmunt Bauman que vem sendo desenvolvido em livros como *Globalização: as consequências humanas* (1999) e *Mal-estar da Pós-Modernidade* (1998). Trata-se de um livro cuja leitura é importante para aqueles que procuram compreender as forças que estão tornando a nossa existência mais flexível, mas, simultaneamente, insegura e incerta. Além disso, o texto é uma leitura fundamental para se compreender algumas questões da sociedade contemporânea que afetam as mais distintas áreas das relações sociais e nas quais pese o impacto produzido pelos valores do consumo hodiernamente.

COMO ELABORAR UM FICHAMENTO

Ms. Magna Campos

Conceituação:

Dentro do empreendimento acadêmico e/ou científico, muito do esforço de organizar e sistematizar os conhecimentos, de modo a obter novas informações, consiste precisamente em registrá-lo adequadamente à medida que se coleta. Estas rotinas são denominadas genericamente de "documentação", e consistem na competência de fazer apontamentos ao se coletar material adequado para análise ou pesquisa ou composição de trabalhos.

Fichar um texto significa sintetizá-lo, o que requer a leitura atenta do texto, sua compreensão, a identificação das ideias principais e seu registro escrito de modo conciso, coerente e objetivo. Pode-se dizer que esse registro escrito – o fichamento – é um novo texto, cujo autor é o "fichador", seja ele aluno ou professor. A prática do fichamento representa, assim, um importante meio para exercitar a escrita, essencial para a elaboração de resenhas, *papers*, artigos, relatórios de pesquisa, monografias de conclusão de curso, etc. Além de ser uma das bases da leitura acadêmica.

A importância do fichamento para a assimilação e produção do conhecimento é dada pela necessidade que tanto o estudante, como o docente e o pesquisador têm de manipular uma considerável quantidade de material bibliográfico, cuja informação teórica ou factual mais significativa deve ser não apenas assimilada, como também registrada e documentada, para utilização posterior em suas produções escritas, sejam elas de iniciação à redação científica (tais como os primeiros trabalhos escritos que o estudante é solicitado a produzir na academia); de textos para aulas, palestras ou conferências, no caso do professor; ou, então, do relatório de pesquisa, elaboração da monografia de conclusão de curso do graduando, da dissertação de mestrado, da tese do doutorando.

A principal utilidade da técnica de fichamento, portanto, é otimizar a leitura, seja na pesquisa científica, seja na aprendizagem dos conteúdos das diversas disciplinas que integram o currículo acadêmico, na universidade.

Existem diferentes concepções e, por decorrência, diferentes modalidades ou opções para dar conta desta atividade acadêmica, conforme encontradas nos

manuais de Metodologia Científica e, mais recentemente, nos manuais de gêneros acadêmicos.

O fichamento é, portanto, uma técnica de trabalho intelectual que consiste no registro sintético e documentado das ideias e/ou informações mais relevantes (para o leitor) de uma obra científica, filosófica, literária ou mesmo de uma matéria jornalística.

Quem desejar um maior aprofundamento teórico sobre “fichamento” pode consultar Salomon (1997, p.88-102)¹¹.

Tipos de fichamentos:

Os autores Henriques & Medeiros (1999, p.59)¹² nomeiam a atividade de pesquisa de fichamento como sendo a tomada de notas. Para estes autores, existem:

- **O fichamento de transcrição, também chamado de fichamento de citação direta;**
- **O fichamento de indicação bibliográfica**, que deve conter o nome do autor, o título da obra e o assunto de que trata a obra em questão;
- **O fichamento de resumo.**

Do ponto de vista da estrutura, o fichamento deve estar subdividido em duas partes:

- o cabeçalho, em que será feita a indicação bibliográfica, no padrão da NBR 6023, do texto fichado;
- o corpo do fichamento, em que será recuperada a estrutura informacional do texto e variará conforme o tipo de fichamento realizado.

1. Fichamento tipo citação:

¹¹ SALOMON, D. V. **Como fazer uma monografia**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

¹² HENRIQUES, A.; MEDEIROS, J. B. **Metodologia e Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

Aplica-se para partes de obras ou capítulos. Consiste na transcrição fiel de trechos fundamentais da obra estudada e é o mais comum no início dos cursos de graduação.

Obedece algumas normas:

- toda citação deve vir entre aspas;
- após a citação, deve constar entre parênteses o número da página de onde foi extraída a citação;
- a transcrição tem que ser textual e não esquemática;
- a supressão de uma ou mais palavras deve ser indicada, utilizando-se no local da omissão, três pontos, entre colchetes [...].
- e) Nos casos de acréscimos ou comentários, colocar dentro dos colchetes [].
- O fichamento não deve conter opiniões ou posicionamentos do leitor.
- O fichamento não deve acrescentar novas informações ao que foi exposto pelo texto.
- Se houver erros de grafia ou gramaticais, copia-se como está no original e escreve-se entre parênteses (*sic*).

Exemplo¹³:

MARCONI, M.A; LAKATOS, E.M. Ciência e conhecimento Científico. In: _____. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995. p.08-22.

“O conhecimento popular e o científico possui objetivo comum, mas o que os diferencia é a forma, o modo e os instrumentos do ‘conhecer’. Uma das diferenças é quanto à condição ou possibilidade de se comprovar o conhecimento que se adquire no trato direto com as coisas e o ser humano”. (p.10).

“Além de ser uma sistematização de conhecimentos, [...] ciência é um conjunto de proposições logicamente correlacionadas sobre o comportamento de certos fenômenos que se deseja estudar.” (p. 12-13)

“O conhecimento popular caracteriza-se (*sic*) por ser predominantemente: superficial, isto é conforma-se com a aparência, com aquilo que se pode comprovar simplesmente estando junto das coisas: expressa-se por frases como ‘porque o vi’, ‘porque o senti’, ‘porque o disseram’, ‘porque todo mundo diz’ “. (p.15)

2. Fichamento bibliográfico:

¹³ As fichas aqui elaboradas não correspondem ao conteúdo e páginas do livro de Marconi e Lakatos. Essas fichas foram elaboradas, pela autora desse material, apenas para fins didáticos.

Deve conter o nome do autor (na chamada), o título da obra, edição, local de publicação, editora, ano da publicação, número do volume se houver mais de um e número de páginas.

E no corpo do texto, um resumo sobre o assunto do livro ou do artigo, incluindo detalhes importantes sobre o tema tratado que possam ajudar ao pesquisador em sua tarefa de pesquisa, seja em que nível de for.

Exemplo:

Referência:

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995. 214 p.

O livro trata de questões relevantes para a metodologia do trabalho científico. Seu propósito fundamental é evidenciar que, embora a ciência não seja o único caminho de acesso ao conhecimento e à verdade, há diferenças essenciais entre o conhecimento científico e o senso comum, vulgar ou popular, resultantes muito mais do contexto metodológico de que emergem do que propriamente do seu conteúdo. Real, contingente, sistemático e verificável, o conhecimento científico, não obstante falível e nem sempre absolutamente exato, resulta de toda uma metodologia de pesquisa, a que são submetidas hipóteses básicas, rigorosamente caracterizadas e subsequentemente submetidas à verificação. Mostrando todo o encadeamento da metodologia do conhecimento científico, o conteúdo deste livro aborda ciência e conhecimento científico, métodos científicos, fatos, leis e teorias, hipóteses, variáveis, elementos constitutivos das hipóteses e plano de prova - verificação das hipóteses.

3. Fichamento tipo resumo:

Pode-se utilizar esse tipo de ficha para expor, abreviadamente, as principais ideias do autor ou também para sintetizar as ideias principais de um texto ou de uma aula. A ficha de resumo deve ser breve e redigida com as próprias palavras, não precisando obedecer a estrutura da obra.

Exemplo:

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. Ciência e conhecimento Científico. In: _____. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995. p.08-22.

O conhecimento científico se caracteriza pela possibilidade de se comprovar os dados obtidos nas investigações acerca dos objetos. Para que o conhecimento seja considerado científico, é necessário analisar as particularidades do objeto ou fenômeno em estudo. A partir desse pressuposto, Lakatos & Marconi apresentam dois aspectos importantes:

- a) a ciência não é o único caminho de acesso ao conhecimento e à verdade;
- b) um mesmo objeto ou fenômeno pode ser observado tanto pelo cientista quanto pelo homem comum; o que leva ao conhecimento científico é a forma de observação do fenômeno.

Algumas considerações:

No primeiro tipo de fichamento (citação) é o raciocínio, a argumentação do autor da obra ou do texto que "comanda" o trabalho de resumo do fichador. No segundo e terceiro tipos (bibliográfico e resumo), são os propósitos temáticos de quem estuda as obras consultadas que "comandam" a seleção das ideias, conceitos, elementos teóricos ou factuais que integrarão o resumo.

Referências:

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

LEAL, E. J. M.; FEURSCHUTTE, S. G. **Elaboração de trabalhos acadêmico-científicos**. Itajaí, 2003. Material de aula.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

A seguir, é apresentado o fichamento de um texto:

Exemplo de fichamento de citação

HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n.24, p.68-75, 1996¹⁴.

“Ao invés de tomar a identidade por um fato que, uma vez consumado, passa, em seguida, a ser representado pelas novas práticas culturais, deveríamos pensá-la, talvez, como uma ‘produção’ que nunca se completa, que está sempre em processo e é sempre constituída interna e não externamente à representação. Esta visão problematiza a própria autoridade e a autenticidade que a expressão ‘identidade cultural’ reivindica como sua.” (p.68)

“Dois caminhos da identidade cultural: pelos termos desta definição, nossas identidades culturais refletem as experiências históricas em comum e os códigos culturais partilhados que nos fornecem, a nós, como um ‘povo uno’, quadros de referência e sentido estáveis, contínuos, imutáveis por sob as divisões cambiantes e as vicissitudes de nossa história real. Tal ‘unidade’, subjacente a todas as diferenças de superfície [...]”(p. 68)

“A busca por esse tipo de identidade tem impulsionado muitas produções no campo da representação visual e cinematográfica atualmente. Dentro desse assunto o autor se pergunta qual a natureza dessa ‘busca profunda’, e se essas práticas se baseiam apenas na redescoberta ou também na produção da identidade. A resposta vem com exemplos de movimentos sociais (feminista, anti-colonialista, anti-racista), orientados pela busca de ‘histórias ocultas’ e também cita o trabalho fotográfico de toda uma geração de artistas jamaicanos e rastafarianos [...] que dão testemunho do contínuo poder de criação dessa concepção de identidade no âmbito das práticas emergentes de representação.” (p. 69)

¹⁴ Elaborado por mim.

“Esta segunda posição reconhece que, assim como muitos pontos de similaridade, há também pontos críticos de diferença profunda e significativa que constituem ‘o que nós realmente somos’; ou melhor – já que a história interveio – ‘o que nós nos tornamos’ [...]”

Neste segundo sentido, tanto é uma questão de ‘ser’ quanto de ‘se tornar, ou devir’. [...] As identidades culturais provêm de alguma parte, têm histórias. Mas, como tudo o que é histórico, sofrem transformação constante.” (p. 69)

“Somente dessa segunda posição é que podemos compreender corretamente o caráter traumático da ‘experiência colonial’ [...]. Na história do mundo moderno, há poucas experiências mais traumática do que essas separações forçadas da África [...]. Os escravos [...] eram de diferentes países, comunidades tribais, aldeias, tinham diferentes línguas e deuses.”

“Uma coisa é posicionar um sujeito ou um conjunto de pessoas como o Outro de um discurso dominante. Coisa muito diferente é sujeitá-los a esse ‘conhecimento’, não só como uma questão de dominação e vontade imposta, mas pela força da compulsão íntima e a conformação subjetiva à norma. [...] A expropriação íntima da identidade cultural deforma e leva à invalidez.” (p. 70)

“A Identidade Cultural não possui “uma origem fixa à qual podemos fazer um retorno final e absoluto. [...] Tem suas histórias – e as histórias, por sua vez, têm seus efeitos reais, materiais e simbólicos. O passado continua a nos falar. [...] As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história. Não uma essência, mas um posicionamento.” (p. 70)

“Podemos pensar nas identidades negras do Caribe como ‘enquadradas’ por dois eixos ou vetores em ação simultânea: o vetor de similaridade e continuidade; e o vetor de diferença e ruptura.” (p. 70)

“O paradoxo é que foram o desenraizamento da escravidão e do tráfico e a inserção na grande lavoura (bem como na economia simbólica) do mundo ocidental que ‘unificaram’ esses povos através de suas diferenças, no mesmo momento em que eles eram privados do acesso direto a seu passado.” (p. 70)

“Nos meus tempos de criança, nas décadas de 1940 e 1950 [...] eu nunca ouvi ninguém se referir a si mesmo ou a qualquer outra pessoa como tendo sido no passado, em algum tempo, de alguma forma, ‘africano’. Somente na década de 1970 foi que essa identidade afro-caribenha tornou-se historicamente disponível para a grande maioria do povo jamaicano, em seu país e no exterior. [...] Essa profunda descoberta cultural [...] só pôde ser feita através do impacto na vida popular da revolução pós-colonial, das lutas pelos direitos civis, da cultura do rastafarianismo e da música reggae [...]”

“A ‘África’ original não se encontra mais lá. Já foi muito transformada. A história, neste sentido, é irreversível. Não devemos ser coniventes com o Ocidente, que justamente normaliza a África e dela se apropria, congelando-a nalguma zona imemorial do passado primitivo imutável. A África, por fim, deve ser levada em conta pelo povo do Caribe, mas não pode, em nenhum simples sentido, ser recuperada.” (p. 73)

“A África adquiriu um valor imaginativo ou figurativo, que podemos sentir e nomear.” (p. 73)

“A experiência da diáspora, como aqui a pretendo, não é definida por pureza ou essência, mas pelo reconhecimento de uma diversidade e heterogeneidade necessárias; por uma concepção ‘identidade’ que vive com e através, não a despeito, da diferença; por hibridização. Identidades de diáspora são as que estão constantemente produzindo-se e reproduzindo-se novas, através da transformação e da diferença.” (p. 75)

O GÊNERO MEMORIAL

O Memorial como recurso na/da pesquisa educacional

Ms. Magna Campos

Sobre os desafios da ciência contemporânea, dos seus problemas ético-sociais e das responsabilidades da Universidade na produção de conhecimentos, procurar inserir a educação numa discussão ampla sobre a sociedade é sempre preocupação da maioria dos professores que lidam nas Ciências Sociais e Humanas. Buscar alternativas para que essas reflexões articulem-se na escrita de textos científicos e nas discussões promovidas na vida acadêmica, também.

Como gênero científico, o memorial possibilita a inserção no sujeito não só no fazer do texto, mas também na temática do texto, alocando-o na esfera construtiva do processo científico como um sujeito social, produtor e produzido na/pela linguagem. Além disso, o memorial poderá enriquecer o diálogo do sujeito com a sua área de atuação ou de estudo, com o próprio currículo, uma vez que ajuda na visualização do importante papel social, histórico e cultural que esse sujeito, aluno ou não, representa para o conjunto de sentidos construídos nas trajetórias vivenciadas, já que é caminhando que se faz o caminho.

O memorial pode ser considerado, ainda, como um gênero que oportuniza às pessoas expressarem a construção de sua identidade, registrando emoções, descobertas, desafios e sucessos que marcam a sua trajetória. É também um gênero que pode ser usado para marcar o percurso da prática do sujeito, enquanto estudante ou profissional, refletindo sobre vários momentos dos “eventos” dos quais participa e ainda sobre sua própria ação.

Segundo Severino,

O memorial constitui, pois, uma autobiografia configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva. Deve então ser composto sob a forma de um relato histórico, analítico e crítico, que dê conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico-profissional de seu autor, de tal modo que o leitor possa ter uma informação completa e precisa do itinerário percorrido. (SEVERINO, 2001, p.175)

Ainda, de acordo com Miranda e Salgado,

[o] memorial é um depoimento escrito sobre o processo vivenciado pelo professor cursista, focalizando principalmente a re-significação de sua identidade profissional e incorporando reflexões sobre a prática

pedagógica, em uma perspectiva interdisciplinar. (MIRANDA; SALGADO, 2002, p.34)

A noção de gênero não vê apenas os aspectos estruturais do texto, mas incorpora elementos de ordem social e histórica. Ao escrever é preciso estar atento a aspectos essenciais do processo, tais como: quem escreve, para quem escreve, de que lugar social, com que objetivo, que linguagem deve predominar (informal ou formal), em que situação etc. Esses aspectos devem ser considerados relevantes e estão vinculados ao contexto sócio-histórico-cultural e às formas de dizer que circulam socialmente.

Nesse sentido, o gênero memorial se insere como formas de dizer sócio-historicamente cristalizadas, oriundas de necessidades produzidas em diferentes esferas da comunicação humana (BAKHTIN, 1979) e que tem circulado socialmente como prática de ensino-aprendizagem.

Como instrumento pedagógico, o memorial tem por objetivo contribuir para suscitar reflexões sobre Sociedade e Educação, oferecendo aos sujeitos participantes a oportunidade de pensar sobre si mesmos no conjunto de relações que se estabelecem no processo de pesquisa, seja esta formal ou informal, nos âmbitos social e educacional. Pois, pode servir de promotor de demandas reflexivas frente ao vivido e à atualidade, inseridas no contexto educacional passado e presente.

Proporciona ainda ao sujeito a re-elaboração de sua história, re-situando a sua experiência e a própria vida em relação a outros sujeitos e a sociedade, pois sujeito e sociedade se co-produzem como linguagem, numa interlocução constante. E,

dessa interlocução, observa-se que o memorial poderia ser definido como um mapa representativo da vida escolar, social e cultural do sujeito, portador de sua história, de sua memória e da memória de sua sociedade, mapa que denota a realidade sócio-histórica e cultural, e o itinerário vivido, encontrando-se na memória, fica tatuado no sujeito. Trata-se, portanto, de uma autobiografia situada nos contextos citados, cuja exposição escrita reflete de forma narrativa a vida e as experiências do autor. (SANTOS JÚNIOR; SILVA, 2005, p.01)

Pode-se refletir, em nossa sociedade, denominada de sociedade da informação ou do conhecimento, sobre qual seria o papel da memória educacional de sujeitos comuns naquela que, também, podemos denominar de sociedade do esquecimento? Quais as contribuições e a importância que a memória de

educadores e de estudantes dos cursos de licenciatura poderia trazer para a pesquisa em educação?

A partir dessa indagação, observa-se que esse gênero textual é um instrumento pedagógico que traz inúmeras fontes de pesquisa, embora se reconheça que a forma autobiográfica de narrativa carrega em si uma carga de subjetividade não encontrada em outros instrumentais pedagógicos. No entanto, é válido ressaltar que subjetividade e objetividade andam lado a lado na produção científica. O mito da objetividade já não cega às ciências contemporâneas.

Nessa linha de pensamento, os memoriais:

- a) promovem a articulação entre vivências sociais e educativas no contexto em que ocorrem;
- b) dão re-significação ao espaço, ao tempo e ao lugar vividos, re-situando-os;
- c) permitem que se teçam interconexões entre as diferentes histórias de vida dos sujeitos em termos sociais, educacionais, familiares e científicos;
- d) fomentam reflexões sobre as condições materiais nas quais se produziram determinados processos educativos;
- e) denotam diferentes formas culturais de vida, de educação, de sociabilidade e de valores humanos;
- f) trazem à tona a vida real e concreta do cotidiano social e educativo, como foi experienciado, carregado de afetos, de marcas e de sentimentos;
- g) possibilitam que o sujeito se pense como parte integrante de uma história social que não é só sua, identificando-se com as demais histórias;
- h) incrementam a religação de saberes por demonstrarem diversas formas de ensinar e de aprender.

Como possibilidades, considera-se que o memorial educacional, elaborado nos moldes de um trabalho acadêmico poderá:

- a) ampliar o acervo de trabalhos de pesquisas sobre Sociedade e Educação;
- b) contribuir com dados para a construção de uma cartografia da Educação Brasileira das últimas décadas do século passado e início deste século;
- c) disseminar as experiências sociais e educativas exitosas registradas nos memoriais através de publicações.

Além dessas possibilidades, acredito também que o memorial, usado como instrumento de avaliação, permite que se verifique como a relação entre o conhecimento empírico¹⁵ e o conhecimento científico, proporcionado pelo aprendizado das teorias, forma a identidade do profissional da educação que tece o memorial. Além de efetivar uma forma de entender como que os alunos-cursistas foram se deparando e ao mesmo tempo, “digerindo”, os textos e o curso; e as possíveis incorporações na sua prática, construindo, assim uma aprendizagem significativa.

¹⁵ É resultante da experiência da história individual ou coletiva dos indivíduos.

Normas para apresentação do memorial de formação ou de prática educacional

O livro “Metamemória-memórias: travessia de uma educadora” foi escrito por Magda Soares, em 1981, na ocasião do concurso para professor titular da UFMG. Em determinado momento do texto, a autora diz: “[...] tentei não apenas descrever minha experiência passada: tentei deixar que essa experiência falasse de si, tentei pensá-la[...]” (p.15) Esse é o espírito que esperamos que possa conduzir vocês na produção de seus textos.

No entanto, algumas regras precisam ser definidas e padronizadas para a apresentação deste material. Elucidá-las é o que faremos aqui. Resta dizer ainda que o Memorial não deve se transformar nem numa peça de autoelogio nem numa peça de autoflagelo: deve buscar retratar, com a maior segurança possível, com fidelidade e tranquilidade, a trajetória real que foi seguida, que sempre é tecida de altos e baixos, de conquistas e de perdas. Relatada com autenticidade e criticamente assumida, pois nossa história de vida é nossa melhor referência.

1. QUANTO À APRESENTAÇÃO

A estrutura de apresentação do memorial deverá conter, pela ordem, as seguintes partes:

1.1 Capa

Deve conter, no alto da folha, o nome da Faculdade e o nome do autor (tamanho 16, maiúsculo, negrito). O título deverá estar no centro da folha (tamanho 18, maiúsculo, negrito); abaixo e à esquerda da página, mas com texto justificado (tamanho 12) as credenciais do trabalho. Cidade e ano, no final da folha (tamanho 12).

1.2 Epígrafe (opcional)

Trata-se de um pensamento de algum autor, cujo conteúdo tenha relação com o tema do trabalho (em folha única).

1.3 O texto

O texto deve desenvolver o relato/reflexão referente ao que você aprendeu e as experiências que vivenciou durante o curso, que contribuíram

de forma significativa para operar mudanças em você e em sua prática docente.

E também, para quem trabalhar na área educacional, o texto pode conter um relato de sua memória profissional, apontando as dificuldades e as facilidades que você enfrentou em sua carreira e o que o curso de pedagogia lhe proporcionou em sua prática educativa.

Um exemplo de questões que poderiam guiar um texto do gênero memorial¹⁶ que tratasse da formação do educador, segue abaixo:

1 Analisando minha Caminhada de Formação	
	1.1 As incertezas ou certezas iniciais 1.2 As facilidades e dificuldades encontradas 1.3 As definições, opções e comprometimentos
2 Os eventos que me construíram educadora	
	2.1 As disciplinas cursadas 2.2 Os estágios realizados 2.3 Os cursos feitos (ou os projetos implantados) 2.4 Os novos caminhos que se apontam
3 As referências iniciais	
	3.1 Os novos interlocutores (os autores e suas teorias) 3.2 Novos olhares e perspectivas de ação

Mas lembre-se: o texto é seu, pode criar a estrutura mais apropriada para o seu caso.

2. QUANTO À FORMATAÇÃO DO MEMORIAL

As medidas de formatação do memorial deverão ser:

- Formato do papel: A4 (210 x 297mm)
- Espaço entre linhas: 1,5 cm
- Espaço nas referências bibliográficas: simples em cada referência e duplo ou 1,5 entre elas
- Fonte do texto: Arial - tamanho 12
- Margem esquerda: 3,0 cm/ Margem Superior: 3,0 cm
- Margem direita: 2,0 cm/ Margem inferior: 2,0 cm
- Numeração de páginas: deverá ser feita na parte inferior e do lado direito, excetuando-se a capa.

¹⁶ Todavia, não precisa fazer índice, fiz esse apenas com o intuito de oferecer uma possível sequência para a escritura do memorial.

Referências bibliográficas:

ALCOVERDE, Maria Divanira; ALCOVERDE, Rossana Delmar. **Produzindo gêneros textuais**: memorial. Natal: UEPB/UFRN, 2007.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1979, p. 277-326.

MIRANDA, G. e SALGADO, M. **Projeto Pedagógico**: Veredas formação superior de professores. Belo Horizonte, SEE-MG, 2002.

PASCHOALINO, Jussara B. de Queiroz; MATIAS, Virgínia B. de Queiroz. Transformação: o memorial como instrumento da prática pedagógica. **UNirevista**. v.1, n.2, abr./2006. p.1-5.

SANTOS JÚNIOR, Alcides Leão; SILVA, Lenina Lopes Soares. O memorial como instrumento reflexivo: um relato de experiência acadêmico-pedagógica. **Revista da UFG**. n.2, ano VII, dez./2005. p.1-5.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed, São Paulo: Cortez, 2001.

Exemplo de memorial¹⁷:

Memorial descritivo

A graduação em Pedagogia foi uma opção minha. Enfrentei, desde o início, muitas dificuldades para manter meus estudos, já que, de uma forma geral, minha família e amigos reagiram negativamente diante da decisão de eu me tornar um Pedagogo. Questionavam o investimento em termos de tempo e de recursos financeiros em uma carreira que, supostamente, não me traria uma efetiva ascensão social ou benefícios econômicos. Mas, mesmo diante dessas adversidades, resolvi continuar.

Assim, durante o Curso de Pedagogia, realizado no período compreendido entre os anos de 2006 a 2009, na Universidade Presidente Antônio Carlos, em Mariana, iniciei um processo muito rico de sistematização dos problemas que tanto me sensibilizaram durante a minha fase de estudos naquela que hoje nomeamos de Educação Básica. Esse processo deu-me uma nova perspectiva em relação à visão que tinha acerca da educação que tanto marcou minha trajetória escolar. Na faculdade, conheci os diferentes métodos de ensino, teóricos e filósofos que contribuíram diminuir ou para sanar minhas principais dúvidas relativas a questão educativa.

O curso transcorreu por entre descobertas, reflexões e algumas mudanças de visão de mundo. Para tanto, foram significativas as atividades didáticas realizadas nas disciplinas curriculares e extracurriculares como, por exemplo, os seminários, os debates, as palestras, os estágios e, muito especialmente, as atividades de Monitoria, no qual fui Monitor. É necessário registrar, ainda, a relevância dos momentos de convivência e de troca de experiência ou de conhecimentos que tive com os colegas de curso, pois o *estar* na Faculdade, nos pátios, nos corredores, nas escadas, na biblioteca, no laboratório de informática, bem como o *observar* os murais, tudo isso promovia indiscutivelmente um convite ao aprender, ao produzir conhecimento e assim pensar e viver o mundo que me circundava.

O Curso ofereceu-me um conjunto de componentes curriculares os quais foi significativo para a elaboração de uma visão menos simplificada e às vezes até mesmo simplista sobre o fenômeno educativo na contemporaneidade. O passeio pelos fundamentos da educação

¹⁷ Memorial elaborado pelo aluno Wemerson Borges.

por meio de disciplinas relacionadas com a Filosofia, a História, a Sociologia e a Psicologia da educação foi fundamental para a ampliação dessa minha perspectiva.

A compreensão sobre os processos educativos como uma prática político-social, organizados por sujeitos, dirigidos por suas visões de mundo e de conhecimento, dinamizados por decisões políticas, foi fortalecida e ampliada nos estudos sobre Políticas Educacionais, sobre a estrutura e funcionamento dos diferentes níveis de ensino.

A preparação para a produção acadêmica foi providencialmente realizada na disciplina de Metodologia do Trabalho Científico, na qual pude elaborar um projeto cujo tema foi “O Uso das Novas Tecnologias na Educação a Distância”. O desenvolvimento desse projeto sobre a forma do gênero monografia levou-me a conhecer um pouco melhor essa nova modalidade de educação que vem crescendo mundialmente e, aqui em nossa região, incentivada, principalmente, no Município de Ouro Preto pela UFOP.

Outras disciplinas como a Didática II e Tecnologia na Educação foram fundamentais para a compreensão do processo de ensino, contribuindo para a articulação entre os fundamentos da educação e as diferentes possibilidades de planejamento, desenvolvimento e avaliação da prática pedagógica no contexto contemporâneo tão marcado pela presença das tecnologias da informação e comunicação.

As oportunidades de realização de estágio curricular, integradas a um acompanhamento direto dos professores da UNIPAC, foram muito significativas para a iniciação da vida profissional no campo educacional, centrada no princípio do trabalho cooperativo e dialógico. Os estágios foram divididos em fases de Observação, Participação, Orientação e Supervisão. Essa era uma exigência institucional e quesitos avaliativos das seguintes disciplinas: didática, supervisão pedagógica e orientação educacional.

Desenvolvi os estágios em diferentes Escolas do Município de Ouro Preto, sendo elas: Escola Municipal Alfredo Baeta – Bairro Cabeças; Escola Municipal Izaura Mendes – Bairro Piedade; Escola Municipal Pe. Antônio Carmélio – Bairro São Cristovão e Centro Educacional Ouro Preto – Vila dos Engenheiros.

O período como estagiário foi de aprendizado intensivo, provocado pela inquietante articulação entre teoria e prática numa realidade concreta e complexa das Escolas do Município de Ouro Preto. Outro estágio curricular marcante foi desenvolvido na área de Orientação Educacional. Nesta oportunidade, a concepção de estágio curricular como um momento de simples aplicação, numa dada realidade, de conhecimentos assimilados durante o curso foi completamente superada. Na verdade, a experiência vivenciada durante esse estágio representou um momento de novas aprendizagens, em especial pelo enfrentamento dos desafios. Neste estágio a professora que ministrava a disciplina no curso propôs que os alunos montassem um projeto de acordo com a necessidade da escola escolhida para estagiar. Como meus estágios anteriores haviam sido realizados em escolas públicas, escolhi o Centro Educacional Ouro Preto, escola particular que atende a um público de classe média do município, para poder conhecer diferentes realidades de ensino.

No período de estágio a equipe do CEOP estava muito preocupada com a ameaça de contaminação pelo vírus da influenza “H1N1”; por isso resolvi criar um projeto que contribuísse com a necessidade atual. O nome do projeto por mim elaborado foi: ÉTICA E CIDADANIA: Higienização Pessoal. Tal projeto visou tratar a questão da higienização pessoal, na busca de construção de valores na escola e na comunidade. Busquei incentivar que todos da escola iniciassem, retomassem ou aprofundassem ações educativas que levassem à formação ética e moral de todos os membros que atuam na instituição escolar.

O projeto foi um sucesso, convidei palestrantes para falar sobre a influenza e a forma de prevenção. Em parceria com os professores da escola em que estagiava, montamos folderes que foram distribuídos na comunidade; fabricamos sabão líquido para uso da escola e no final fizemos exposições das atividades realizadas no período de estágio.

As atividades curriculares formais tiveram que dividir espaço na minha formação com as atividades de Monitoria de Língua Portuguesa, no qual fui selecionado através de uma prova escrita e entrevista individual. Na atividade de monitoria pude aprender ensinando. A cada semana desenvolvíamos um tema novo, seguindo uma grade programática previamente estabelecida, e os

alunos interessados em aprender um pouco mais sobre questões da nossa língua levavam questões do dia-a-dia para estudarmos e juntos solucionássemos algumas questões.

Durante o curso de Pedagogia, participei de diversos cursos voltados para área de educação, dentre eles o SIMPOED, o curso de extensão da UFOP em Educação ambiental, Fórum das Letras, Papeando – realizado pela Biblioteca Pública Municipal de Ouro Preto, e a Semana da Pedagogia da UNIPAC - SEPEUNI, no qual apresentei em 2007, juntamente com alguns colegas de curso, um trabalho sobre “Avaliações Externas”.

Por fim, percebo que a faculdade me possibilitou um crescimento pessoal e profissional muito grande. Hoje tenho uma nova visão de mundo. Graças aos professores e conteúdos apresentados durante o curso criei interesse em me aperfeiçoar no campo educacional e contribuir com a qualidade de ensino. Não me arrependo em hipótese alguma de ter cursado Pedagogia, faria tudo de novo.

O PROJETO DE PESQUISA

Ms. Magna Campos

O projeto de pesquisa de apresentar a capa no modelo institucional e seguir os seguintes itens:

(antes dos itens abaixo, no entanto, podem constar - **título, assunto, tema, delimitação do tema**)

1. INTRODUÇÃO
2. PROBLEMA DE PESQUISA
3. OBJETIVOS
4. JUSTIFICATIVA
5. HIPÓTESES
6. REVISÃO TEÓRICA OU FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA
7. METODOLOGIA
8. CRONOGRAMA
9. BIBLIOGRAFIA

1. INTRODUÇÃO

(CONTEXTUALIZAR O ASSUNTO, O TEMA ATÉ CHEGAR A DELIMITAÇÃO)

Na introdução o aluno deverá explicar o tema que deseja desenvolver e qual a delimitação do tema escolhida para ser pesquisada.

Ao ler a introdução, o leitor deve ter uma ideia exata do que a pesquisa irá tratar, portanto é importante captar a atenção desse leitor para a proposta do trabalho. O texto deve fazer com que até os não familiarizados com o assunto possam compreender os aspectos essenciais do tópico que está sendo investigado.

Outra preocupação que o aluno deve ter em relação ao tema é a afinidade com a área da qual ele – o tema – faz parte. A tarefa de uma pesquisa pode ser árdua, e sem o necessário gosto e interesse pelo tema escolhido, dificilmente se fará um bom trabalho, visto que ele demanda muito empenho e muita dedicação. Portanto o aluno deve procurar escolher um assunto que seja de uma área de conhecimento, dentro da sua formação, com a qual ele se identifique.

A introdução pode ser escrita no seguinte formato:

- Desenvolver genericamente o assunto e anunciar o tema;

- Situar o tema dentro do contexto geral da sua área de trabalho;
- Descrever as motivações que levaram à escolha do tema;
- Definir a delimitação do tema e o objeto de análise: **O QUE SERÁ ESTUDADO? Ou seja, o FOCO da pesquisa.**

2. PROBLEMA DE PESQUISA

(POR QUÊ)

Delimitar o **PROBLEMA** de pesquisa, ou seja, qual a questão que você tentará responder ao longo de seu trabalho de pesquisa posterior. Na acepção científica, problema é qualquer situação não resolvida e que é objeto de discussão, na área de conhecimento que se está estudando.

O problema deve ser formulado como pergunta, pois esta é a maneira mais fácil e direta de formular um problema e contribui substancialmente para delimitarmos o que é o tema da pesquisa e o problema da pesquisa.

3. OBJETIVOS

(VAI BUSCAR O QUÊ, PARA QUEM?)

Aqui o aluno deverá descrever o objetivo concreto da pesquisa que irá desenvolver: o que se vai procurar.

Para se formular um bom projeto de pesquisa, é necessário definir claramente os objetivos que se deseja alcançar. Eles devem manter coerência com o tema proposto no projeto e devem estar atrelados aos meios e métodos disponíveis para a execução da pesquisa.

Os objetivos representam, de forma resumida, a finalidade do projeto. Geralmente se subdividem em: objetivo geral e objetivos específicos. O objetivo geral define explicitamente o propósito do estudo e os objetivos específicos são um detalhamento do objetivo geral.

Na seção do projeto intitulada “Objetivos”, o aluno deve começar de forma direta, anunciando para o leitor quais são os reais propósitos da pesquisa que pretende realizar. Os objetivos podem vir em forma de texto corrido ou em forma de tópicos. Sendo a última forma a mais usual.

Alguns exemplos de como começar a parte dos objetivos:

(EM TÓPICO)

Estudar o papel do gestor de trânsito na prevenção e no combate...

Pesquisar o que é a teoria das filas e quais as suas aplicação na gestão de processos...

(EM TEXTO)

“O objetivo desta pesquisa é avaliar a qualidade de vida dos funcionários da...”

“Pretende-se, ao longo da pesquisa, verificar a relação existente entre...”

“O objetivo deste trabalho será enfocar...”

Os objetivos específicos definem etapas do trabalho a serem realizadas para que se alcance o objetivo geral. Podem ser: exploratórios, descritivos e explicativos. Utilizar verbos no infinitivo para iniciar os objetivos:

- Exploratórios (conhecer, identificar, levantar, descobrir etc.)
- Descritivos (caracterizar, descrever, traçar, determinar etc.)
- Explicativos (analisar, avaliar, verificar, explicar etc.)

4. HIPÓTESES:

(UMA TENTATIVA DE DAR RESPOSTA AO PROBLEMA DE PESQUISA)

Hipóteses são suposições colocadas como respostas plausíveis e provisórias sobre o problema de pesquisa colocado. As hipóteses são provisórias porque poderão ser confirmadas ou refutadas com o desenvolvimento da pesquisa. Podem se dividir em hipótese principal ou primária e hipóteses secundárias.

5. JUSTIFICATIVA

(POR QUE FAZER?)

Consiste na apresentação, de forma clara, objetiva e rica em detalhes, das razões de ordem teórica ou prática que justificam a realização da pesquisa ou o tema proposto para avaliação inicial. No caso de pesquisa de natureza científica ou acadêmica, a justificativa deve indicar:

1. A relevância social do problema a ser investigado.
2. As contribuições que a pesquisa pode trazer, no sentido de proporcionar respostas aos problemas propostos ou ampliar as formulações teóricas a esse respeito.
3. A possibilidade de sugerir modificações, revisões, confirmações no âmbito da realidade proposta pelo tema.

Ou seja, a justificativa é a resposta às perguntas:

“Por que se deseja pesquisar este tema?”; “Qual a importância deste tema?”; “Qual a relevância deste tema para a área de conhecimento à qual o trabalho está vinculado?”

Respondidas essas perguntas, constrói-se um texto objetivo, onde são arrolados e explicitados argumentos que indicam que a pesquisa é significativa e relevante.

6. REVISÃO TEÓRICA (OU FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA)

(O QUE JÁ FOI ESCRITO SOBRE O TEMA E A DELIMITAÇÃO QUE VOCÊ ESCOLHEU?)

Pesquisa alguma parte hoje da estaca zero. Mesmo que exploratória, isto é, de avaliação de uma situação concreta desconhecida em um dado local, alguém ou um grupo, em algum lugar, já deve ter feito pesquisas iguais ou semelhantes, ou mesmo complementares de certos aspectos da pesquisa pretendida. Uma procura de tais fontes, documentais ou bibliográficas, torna-se imprescindível para que não haja duplicação de esforços.

A citação das principais conclusões a que outros autores chegaram permite salientar a contribuição da pesquisa realizada, demonstrar contradições ou reafirmar comportamentos e atitudes.

Na fundamentação teórica, o aluno deverá apresentar os principais conceitos que embasam seu tema. Algumas perguntas podem ajudar a pensar no texto da “Revisão teórica”:

- À luz de qual autor (ou quais autores) a pesquisa será feita?
- Qual linha de pensamento norteará o seu trabalho?
- Qual proposta de estudo será levantada na pesquisa?
- Que informações de outros autores serão rebatidas?
- Que informações de outros autores serão reforçadas?
- Que informações de outros autores receberão acréscimos?

A “Revisão teórica” serve como um argumento de autoridade à pesquisa, pois se apoia na literatura já existente sobre o assunto a investigar, evidenciando o repertório de leituras feitas pelo aluno para dar suporte à sua proposta de trabalho.

Mais algumas dicas:

- A literatura indicada deverá ser condizente com o problema em estudo. Citar literatura relevante e atual sobre o assunto a ser estudado.
- Apontar alguns dos autores que serão consultados.
- Demonstrar entendimento da literatura existente sobre o tema.
- As citações literais deverão aparecer sempre entre aspas recuadas do texto, indicando a obra consultada. CUIDADO COM O PLÁGIO!
- As citações diretas devem especificar a fonte (SOBRENOME DO AUTOR, ano, página) e as indiretas (SOBRENOME DO AUTOR, ano)
- As citações¹⁸ e paráfrases deverão ser feitas de acordo com as regras da ABNT 10520, de 2002.

7. METODOLOGIA

(COMO, ONDE, E COM QUEM FAZER?)

¹⁸ Ver material didático sobre citação, ainda neste manual.

Descrever sucintamente o tipo de pesquisa a ser abordada (básica ou aplicada, bibliográfica, documental, teórica, de laboratório, quantitativa, qualitativa, mista, exploratória, descritiva, explicativa, de campo, estudo de caso, de levantamento, pesquisa-ação, participante, experimental)

Delimitação e descrição (se necessário) dos instrumentos e fontes escolhidos para a coleta de dados: entrevistas, observações, questionários, legislação, códigos etc.

Forma de interpretação do material coletado (dedutiva, indutiva, histórica, dialética, comparativa, estatística, experimental).

Utilize, então, o espaço da “Metodologia” para informar ao leitor do seu projeto todas as etapas de **como, onde e com quais** sujeitos ou objetos irá trabalhar na sua pesquisa.

8. CRONOGRAMA

(EM QUANTO TEMPO FAZER?)

A elaboração do cronograma responde à pergunta quando? A pesquisa deve ser dividida em partes, fazendo-se a previsão do tempo necessário para passar de uma fase a outra. Não esquecer que há determinadas partes que podem ser executadas simultaneamente, enquanto outras dependem das fases anteriores. Distribuir o tempo total disponível para a realização da pesquisa, incluindo nesta divisão a sua apresentação gráfica.

Portanto, é preciso que o cronograma apresente descrição clara das fases e metas factíveis a serem cumpridas e alcançadas, de forma a possibilitar o acompanhamento da execução dos trabalhos de pesquisa.

Exemplo de cronograma para as duas etapas - projeto e monografia:

MÊS/ETAPAS	Mês 1	Mês 2	Mês 3	Mês 4	Mês 5	Mês 6	Mês 7	Mês 8	Mês 9	Mês10
Escolha do tema	X									
Levantamento bibliográfico		X	X	X						
Elaboração do anteprojeto			X							
Apresentação do projeto					X					
Coleta de dados			X	X	X	X				

Análise dos dados					X	X	X			
Organização do roteiro/partes							X			
Redação do trabalho							X	X		
Revisão e redação final									X	
Entrega do Monografia										X

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(QUAL O MATERIAL BIBLIOGRÁFICO UTILIZADO?)

A bibliografia utilizada no desenvolvimento do projeto de pesquisa (pode incluir aqueles que ainda serão consultados para sua pesquisa).

A bibliografia básica (todo material coletado sobre o tema: livros, artigos, monografias, material da internet, etc.)

As referências bibliográficas¹⁹ deverão ser feitas de acordo com as regras da **ABNT NBR 6023/2002**. Atenção para a ordem alfabética.

Na bibliografia final listar em ordem alfabética todas as fontes consultadas, independente de serem de tipos diferentes. Apenas a título de exemplo, a seguir, veja como citar alguns dos tipos de fontes mais comuns:

Referências Bibliográficas:

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LAKATOS, Eva e MARCONI, Marina. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 1992.



A seguir, o modelo de capa oficial da instituição:

¹⁹ Consultar material específico sobre NBR 6023.

FACULDADE XXXXXX

Fonte: Arial, 16, negrito.
Texto centralizado

Aluno

Fonte: Arial, 14, negrito.
Texto centralizado

Margens:
Esquerda e superior: 3 cm
Direita e Inferior: 2 cm

TÍTULO: SUBTÍTULO

Fonte: Arial, 18.
Em caixa alta e centralizado

Trabalho apresentado à disciplina X,
ministrada pela professora X, do curso de
xxxxxxx de...

Fonte: Arial, 12.
Recuo 8 cm da margem e
alinhamento justificado

Fonte: Arial, 12
Espaçamento simples.
Centralizado

Mariana,
Mês/ ano.

Exemplo de projeto de pesquisa

TÍTULO: O PAPEL DO PROFESSOR DIANTE DO *BULLYING* NA SALA DE AULA²⁰

ASSUNTO: *Bullying*

TEMA: *Bullying* na escola

DELIMITAÇÃO DO TEMA: O papel que o professor exerce no combate e na prevenção do *bullying*.

1. INTRODUÇÃO

(contextualização do assunto e do tema até chegar à delimitação do tema)

Brincadeiras de mal gosto como chamar o colega de baleia, feio, dentuço, ou seja, brincadeiras que de alguma forma tendem a ofender seus receptores, estão presentes no cotidiano das salas de aula mas, a partir do momento, em que isso se torna repetitivo, violento (física ou psicologicamente), e que seus receptores passam a sofrer as consequências oriundas dessas “brincadeiras”, sejam elas no âmbito afetivo ou na aprendizagem, esta criança se torna uma vítima do *bullying*.

É considerado *bullying* toda forma de agressão, seja ela física ou verbal, sem um motivo aparente, causando em suas vítimas consequências que vão desde o âmbito emocional até consequências na aprendizagem (FANTE, 2005). Para ser considerado como *bullying* é preciso existir a conjunção da intencionalidade, da frequência nas agressões, da gratuidade geradores de uma consequência muito negativa em seu receptor. Ainda, de acordo com esse autor,

O *bullying* é um conceito específico e muito bem definido, uma vez que não se deixa confundir com outras formas de violência. Isso se justifica pelo fato de apresentar características próprias, dentre elas, talvez a mais grave, seja a propriedade de causar traumas ao psiquismo de suas vítimas e envolvidos. (FANTE, 2005, p.26)

Essas brincadeiras passaram a ser denominadas de *bullying* em meados da década de 90, e o primeiro a relacionar essas brincadeiras ao nome de *bullying* foi Dan Olweus, pesquisador e educador da universidade de Bergen, na Noruega. Dan Olweus fez inúmeras pesquisas com relação as consequências que o *bullying* pode acarretar em suas vítimas.

A partir de então, várias pesquisas a respeito das causas e consequências do *bullying* passaram a ser desenvolvida. Os Estados Unidos é um grande pioneiro nas pesquisas e também na prevenção e combate ao *bullying* em sus escolas. Esse

²⁰ Esse material foi adaptado do trabalho de SANTOS, Luciana Pavan Ribeiro. O papel do professor diante do bullying na sala de aula.

“desvio” foi melhor estudado, neste país, a partir de uma grande tragédia ocorrida no ano de 2001, na qual dois jovens de 15 anos entraram em uma escola secundária e assassinaram, a tiros, treze alunos e, em seguida, se suicidaram. Durante a investigação, a polícia descobriu que esses dois alunos eram vítimas de *bullying* nessa escola.

No Brasil, o *bullying* passou a ser conhecido e estudado pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência), na qual se desenvolveu um projeto em onze escolas na cidade do Rio de Janeiro com o objetivo de conscientizar e prevenir a ocorrência de *bullying* nas escolas.

Quando nos referimos a problemas que ocorrem no âmbito escolar, em especial na sala de aula, fica evidente o papel do professor, ainda mais se este problema envolver seus alunos e seu desempenho escolar.

O *bullying* está presente na maioria das salas de aula e casos de agressões físicas e verbais ocorrem nas salas de aula, muitas vezes, na presença do próprio professor.

2. PROBLEMA DE PESQUISA: *(uma questão a ser respondida pela pesquisa)*

O professor é incumbido de cuidar da educação conceitual e da educação comportamental, em sala de aula. Sendo assim, é possível analisar se a ação do professor pode combater e prevenir o *bullying* na sala de aula?

3. HIPÓTESE: *(respostas prévias à questão de problema)*

Principal (ou primária):

- O professor pode atuar no combate e na prevenção ao *bullying* na sala de aula.

Secundária: *(não é obrigatória)*

- O professor precisa de mais conhecimento a respeito do tema para atuar melhor no combate e na prevenção do *bullying*.

4. OBJETIVOS:

Geral: *(comanda os objetivos específicos)*

- Estudar o papel do professor na prevenção e no combate ao *bullying* na sala de aula.

Específicos: *(decorrem naturalmente do anterior e precisam estar contemplados no objetivo geral)*

- Pesquisar o que é o *bullying* e suas consequências;
- Verificar, nas ações das professoras observadas, o que fazem para prevenir e combater o *bullying* na sala de aula.
- Analisar se ações por parte dos professores podem implicar na ocorrência de *bullying* na sala de aula.

5. JUSTIFICATIVA: *(diga qual a importância do estudo que propõe para a sua área de estudo e qual a importância social de sua proposta)*

O trabalho justifica-se pela importância de trazer o tema do *bullying* para a agenda de discussões acadêmicas, uma vez que muito se tem discutido na imprensa a esse respeito e, em muitos casos, confundindo-se o que realmente se configura como sendo *bullying*. É muito comum ouvir-se atribuir o termo *bullying* a muitas brincadeiras corriqueiras ou a um episódio isolado de “violência”, por ter se tornado *modismo* a nomeação. Parece que se chegou a uma confusão tal em que tudo se tornou *bullying* ou tudo pode ser justificado pelo *bullying* sofrido.

Desta forma, tal confusão e o próprio *bullying* podem fazer parte de uma realidade vivida em muitas escolas e em muitas salas de aula. Advém daí a importância de o professor conhecer e saber definir, adequa e cientificamente, o termo e saber quais as consequências que o *bullying* pode trazer para as suas vítimas, para assim prevenir, combater e desmitificar este problema na sala de aula.

Sendo assim, esse trabalho poderá ser útil como um retorno socioeducativo não só para o estudante do curso de formação de professores, tendo em vista que buscará informações e definições conceituais científicas – para afastar-se da informação nem sempre confiável de uma imprensa mais comprometida com o ibope que com a qualidade científica do que veicula – como também para os professores que serão pesquisados.

6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: *(também chamada de revisão teórica)*

O *bullying* é um problema mundial que vem se disseminando largamente nos últimos anos e que só recentemente vem sendo estudado no Brasil. Segundo Fante (2005) o *bullying* escolar se resume em insultos, intimidações, apelidos constrangedores, gozações que magoam profundamente, acusações injustas,

atuações em grupo que hostilizam e ridicularizam a vida de outros alunos, levando-os à exclusão, além de danos físicos, psíquicos, danos na aprendizagem.

Muitos psicólogos o chamam de violência moral, permitindo diferenciá-lo de brincadeiras entre iguais, propício do desenvolvimento de cada um. Portanto, o conceito de *bullying* deve ser compreendido como um comportamento ligado a agressividade física, verbal ou psicológica, exercida de maneira continua dentro do ambiente escolar.

O *bullying* está presente na maioria das salas de aula e casos de agressões físicas e verbais e ocorrem, muitas vezes, na presença do professor. Mas porque essas agressões ocorreram na presença do professor? O professor simplesmente não interferiu ou sua atitude perante a sala não bastou para que os alunos entendessem que o respeito deve haver em um ambiente escolar.

O professor que critica constantemente o seu aluno, o compara com outros, o ignora, está expondo esse aluno a ser mais uma das vítimas do *bullying* e de certa forma está agindo com desrespeito ao espaço pedagógico. Isso porque, “a crítica injusta é uma das formas de má comunicação, que provoca ressentimento, hostilidade e deterioração de desempenho, seja em que idade for (LOBO, 1997, p.91)”.

Atitudes indiretamente relacionadas ao aluno, também o influenciam, tendo em vista que o aluno que tem a tendência a desrespeitar o próximo certamente se baseará nas atitudes desse docente.

Não se pode, no entanto, atribuir ao professor toda responsabilidade da ocorrência de *bullying* na sala de aula. Os alunos podem certamente cometê-lo sem se basear nas atitudes do professor. O professor de um lado tem o dever de transmitir o papel ético, que envolve a importância do respeito mútuo, do diálogo, da justiça e da Nacionalis: apresentação dos temas transversais e ética (BRASIL, 1998), podem ser utilizado de maneira positiva pelos professores no que diz respeito a prevenção do *bullying* na sala de aula. Traz questões relevantes, que se o professor souber aplicar em seu cotidiano pedagógico estará contribuindo para que o ambiente escolar seja um ambiente favorável a aprendizagem para todos os alunos.

De acordo com o documento mencionado acima, o professor deverá trabalhar em seu cotidiano pedagógico os conteúdos de ética, onde se prioriza o convívio escolar.

[...]

7. METODOLOGIA DE PESQUISA: *(diga o tipo de pesquisa, o instrumento de pesquisa e o método a serem utilizados na monografia)*

Os procedimentos metodológicos a serem utilizados para a pesquisa descritiva proposta, na modalidade estudo de campo, serão os estudos do referencial teórico, observações em campo, seguidas de suas devidas anotações no diário de campo e a aplicação de questionários às professoras do Ensino Fundamental, de uma escola pública estadual localizada nesta cidade. A análise dos dados será feita de acordo com o referencial teórico.

8. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

FANTE, C. **Fenômeno *bullying***: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. São Paulo: Editora Verus, 2005.

LOBO, L. **Escola de pais**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1997

NETO, A.L. **Diga não ao *bullying***. 5 ed. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: apresentação dos temas transversais e ética. Brasília: MEC/SEF, 1998. v.8

O GÊNERO TEXTUAL RESUMO CIENTÍFICO

Ms. Magna Campos

(NBR 6028/2003)

- No resumo, apresentam-se os pontos mais relevantes do texto e este deve ser apresentado de forma concisa, clara e inteligível;
- Deve ressaltar o objetivo, o tema, o método, resultados e conclusões do trabalho;
- A norma NBR 6028 recomenda a utilização de parágrafo único e com extensão de 150 a 500 palavras (fonte tamanho 10, espaço simples entre linhas e em itálico).
- Deve conter palavras-chave representativas do conteúdo do trabalho, logo abaixo do resumo.
- Utilizar uma sequência concisa de frases e não uma enumeração de tópicos;
- Não utilizar parágrafos, frases negativas, símbolos e ilustrações, empregos de
- Deve aparecer em folha distinta, precedendo o texto;
- Usar espaçamento simples para o texto do resumo, devendo ser encabeçado.

Movimentos retóricos prototípicos do resumo²¹

MOVIMENTO 1: ESTABELECE O TERRITÓRIO/ SITUAR A PESQUISA
Passo 1 – Exposição da problemática abordada no trabalho e/ou
Passo 2 - Estabelecer a importância da pesquisa e/ou
Passo 3 - Fazer generalizações e/ou
Passo 4 - Contra argumentar pesquisas prévias ou
Passo 5- Indicar lacunas em pesquisas prévias
MOVIMENTO 2: OCUPAR O NICHOS
Passo 6 - Delinear os principais objetivos da pesquisa e/ou
Passo 7 - Indicar as principais características e/ou
Passo 8 - Levantar hipóteses

²¹ Esquema elaborado por Magna Campos, seguindo os preceitos dos Esquemas Potenciais do Gênero (EPG), a partir das propostas apresentadas por: BITTENCOURT, M. The textual organization of research paper abstracts. **Revista Text**, n.16(4), p.481-499, 1996. MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela. R. Uma análise transdisciplinar do gênero abstract. **Revista Intercâmbio**, n. 7, p.117-125,1998. SWALES, J. M. **Genre Analysis: english in academic and research settings**. Cambridge: Univesity Press, 1990.

MOVIMENTO 3: DESCREVER A METODOLOGIA/ ESTRUTURA
Passo 9 - Indicar a metodologia e/ou
Passo 10– Indicar as técnicas de pesquisa e/ou
Passo 11 – Indicar a estrutura do trabalho
MOVIMENTO 4: REVISÃO DA LITERATURA
Passo 12: Citar principais autores utilizados na fundamentação teórica – SOBRENOME (ano)
Passo 13: Citar as principais teorias ou conceitos utilizados/investigados
MOVIMENTO 5: SUMARIZAR OS RESULTADOS
Passo 14: Apresentar o/os principal(is) resultados/ conclusões
Magna Campos



ATENÇÃO: Um resumo, em geral, apresenta os cinco movimentos, mesmo que não apresente todos os passos.

Exemplo de resumo da monografia:

Resumo:

Este trabalho analisa alguns recursos e estratégias que caracterizam a argumentação na carta argumentativa no Vestibular da Unicamp, diferenciando-a, assim, da argumentação desenvolvida na dissertação. Para isso, primeiramente, é apresentada uma exposição geral do contexto e da organização do Vestibular da Unicamp e, mais especificamente, da Prova de Redação, a partir do material produzido pela Comissão Organizadora do Vestibular da Unicamp (COMVEST). O objetivo é entender quais são os objetivos e expectativas que permeiam a produção da carta argumentativa. Em segundo lugar, é feita uma análise das propostas de carta argumentativa de 1987 a 2007, visando alguns elementos mobilizados na produção da carta. São analisadas a proposta de carta argumentativa do ano de 1993 e dez cartas produzidas por vestibulandos neste mesmo ano. Esse corpus é um exemplo representativo da concepção da Prova de Redação acerca da carta argumentativa do período de 1987 a 2003. O objetivo é mostrar a ocorrência das estratégias e recursos sugerido pela proposta na argumentação das cartas e analisar como elas são trabalhadas em função da ficcionalização criada na proposta, caracterizando a argumentação desenvolvida na carta no período de 1987 a 2003 e corroborando a diferenciação entre a argumentação na carta e na dissertação. O objetivo dessa análise é mostrar a influência da organização das propostas na produção da carta argumentativa, mais precisamente, na argumentação. Pode-se verificar que as propostas incitam a mobilização de algumas estratégias e recursos na argumentação desenvolvida na carta, diferenciando-a da argumentação desenvolvida na dissertação. Pode-se verificar, ainda, que algumas mudanças ocorridas na organização da Prova de Redação no ano de 2004, especificamente em relação à organização da Coletânea de Textos, interferem na mobilização de algumas estratégias utilizadas na argumentação na carta no período anterior às mudanças.

Palavras-chave: Língua Portuguesa - Redação, Comunicação e argumentação, Exame Vestibular.

Exemplo de resumo científico para apresentação de trabalho em congressos, simpósios, seminários etc:

Resumo:

A cena enunciativa de abertura das diretrizes do PNLL: o ethos em construção nas vozes de dois ministros de Estado

**Magna Campos (Bolsista Fapemig)
Co-orientadora: Dylia Lysardo Dias**

Este estudo tem por objetivo analisar o ethos discursivo manifesto no texto de apresentação das diretrizes do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), lançado em março de 2006, numa tentativa de ação coordenada entre o Ministério da Educação (Mec) e o Ministério da Cultura (Minc). Esse texto de apresentação, na verdade, subdivide-se em dois textos, cada qual assinado por um dos ministros representante dos ministérios envolvidos: os ministros Gilberto Gil (Minc) e Fernando Haddad (Mec). Tal apresentação é chamada aqui de cena de abertura e ocupa sete páginas do caderno que traz as diretrizes do plano. Para empreendemos a análise utilizamos o conceito de ethos desenvolvido por Amossy (2005), para quem o sujeito enunciativo deixa entrever uma imagem de si, não só pelo que ele diz, como também pela forma como diz. Retomamos igualmente a relação estabelecida por Maingueneau (2005) entre ethos e cena de enunciação. A partir de Charaudeau & Maingueneau (2004), postulamos que o ethos discursivo relaciona-se estreitamente à imagem prévia que o alocutário pode ter do locutor, ou pelo menos, com a ideia que este faz do modo como seus alocutários o percebem. Nosso trabalho evidencia que, especialmente no discurso político, a questão do ethos prévio funciona como um dispositivo que ajuda a construir o ethos discursivo, haja vista que o tom poético do artista se manifestou na Palavra do Ministro da Cultura, Gilberto Gil, e o tom do professor que defende uma visão sistêmica da educação e a inclusão social, Fernando Haddad, também aparece na Palavra do Ministro da Educação.

Palavras-chave: Ethos discursivo, imagens da leitura, cena enunciativa, discurso.

O GÊNERO TEXTUAL ARTIGO CIENTÍFICO

**Magna Campos
(Mestre em Letras: discurso e representação social)**

Resumo:

Este trabalho apresenta as normas e os elementos básicos comuns ao gênero textual artigo científico e visa servir de orientação para a escrita de artigos, de acordo com os padrões da ABNT-NBR 6022/2003 e com os pressupostos teóricos da produção do gênero textual acadêmico científico. São abordadas as questões fundamentais envolvidas no planejamento de um artigo, as características, a estrutura e o detalhamento dessa estrutura. Desta forma, obtém-se uma maior preparação do iniciante para a escrita do texto no âmbito deste gênero científico.

Palavras-chave: artigo científico, especificidades, gênero textual.

O GÊNERO TEXTUAL RELATÓRIO²²**Magna Campos**

O relatório é o documento por meio do qual um técnico, engenheiro ou cientista faz o relato da forma como realizou um determinado trabalho. O objetivo é comunicar (transmitir) ao leitor a experiência acumulada pelo autor na realização do trabalho e os resultados que obteve. O relatório deve permitir a quem o lê reproduzir o trabalho realizado, tal qual ele foi feito pelo autor.

O tipo de relatório, a sua estrutura, os objetivos que pretende atingir, tudo isto são aspectos que dependem do tipo de problema que se tentou resolver.

Um bom relatório depende de uma boa tomada de dados. Procure organizar-se de maneira a anotar durante a prática todas as informações relevantes de uma forma inteligível.

No relatório, descreva ou narre, passo a passo, com suas palavras a experiência ou a pesquisa efetuada, com que finalidade foi feita, justifique o procedimento escolhido, apresente e discuta cuidadosamente os dados obtidos, e, finalmente, tire conclusões. O relatório relata o que você ou a equipe fez e o que aconteceu a partir disso.

ATENÇÃO: O pôster científico é um tipo de relatório científico. Para elaborá-lo basta seguir o formato do gênero aqui apresentado e imprimi-lo em suporte apropriado. Geralmente as medidas são: 80x100cm ou 100x120cm, impressas em lona.

TIPOS DE RELATÓRIOS

Os relatórios podem ser dos seguintes tipos:

- ***técnico-científicos;***
- ***administrativos;***
- ***de viagem;***
- ***de estágio;***
- ***de visita;***

²² Texto elaborado com base em: FRANÇA, Junia. L. et al. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 3.ed. rev. aum. Belo Horizonte : Ed. UFMG, 1996/ BONILLA, Sílvia; GIANNETTI, Biagio. **Antes de escrever um relatório: leia-me**. Disponível em: <http://collatio.tripod.com/regeg/relat.htm>. Acesso em: ago. 2011/ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR: 10719**. Rio de Janeiro: [s.n], 1989.

- *de avaliação institucional;*
- *e fins especiais.*

Para organizar um relatório completo, uma divisão usual seria:

Introdução: resumo teórico para situar a experiência ou pesquisa, a motivação do trabalho e a exposição dos conceitos teóricos que embasam o trabalho.

Objetivo(s): descrição sucinta do que se pretende obter da pesquisa ou experiência.

Escrever os objetivos sempre empregando verbos no infinitivo, por exemplo: “Analisar a influência da orientação quanto ao formato e peculiaridades dos gêneros textuais na elaboração dos textos acadêmicos básicos”.

Metodologia ou Procedimento Experimental: descrição do procedimento seguido, passo a passo. Siga o procedimento a seguir: QUEM fez, O QUE fez, POR QUE fez, COMO fez, QUANDO fez e ONDE fez.

Resultados (dados obtidos) e Análise: Apresentação dos dados coletados, através de tabelas, gráficos, esquemas etc. A discussão destes dados, ou seja, o que eles indicam, o que podem significar dentro da temática analisada. Sempre que possível, comparar os resultados com os conhecidos ou esperados teoricamente.

Nunca inicie os parágrafos com tabelas, gráficos ou figuras. Pode-se, por exemplo, empregar “A tabela 1 mostra o percentual de entrevistados que não concordam com a medida tomada” e dispõe-se a tabela logo a seguir.

As tabelas, gráficos e figuras devem entrar no texto de uma maneira lógica, de modo que a informação flua claramente para o leitor. O leitor não deve ser forçado a ficar virando a página de trás para frente para encontrar os dados citados. Numere de forma independente as tabelas e as figuras (por exemplo, tabela 1, tabela 2, figura 1, tabela 3 etc).

Na interpretação dos resultados ou discussão, deve-se comparar os resultados obtidos face ao objetivo pretendido. Não se devem tirar hipóteses especulativas que não possam ser fundamentadas nos resultados obtidos. A discussão constitui uma das partes mais importantes do relatório, uma vez que é nela que os autores evidenciam todos os conhecimentos adquiridos, através da profundidade com que discutem os resultados obtidos.

Conclusões: O que a pesquisa ou a experiência demonstrou?

Referência bibliográfica: quais textos ou estudos foram utilizados para embasar a pesquisa ou experiência.

Mais alguns detalhes para se lembrar durante a confecção do relatório:

- Usar legendas das figuras com uma descrição sucinta do que está sendo apresentado;
- Numerar as figuras e gráficos e se referir a eles no texto;
- Mencionar a data da realização da experiência ou pesquisa;
- Atribuição de autoria: se usar textos ou figuras de outras fontes (internet, livros, artigos, relatórios de colegas...), deixe isto claro e aponte o autor e a fonte.
- Use o tempo verbal no pretérito: Elaborou-se ou foi elaborado, realizou-se uma entrevista ou foi elaborada uma entrevista.

Formato de apresentação dos relatórios:

- Capa oficial;
- Texto: fonte Arial, tamanho 12.
- Espaçamento entre linhas, no corpo do texto: 1,5.
- Recuo de parágrafo: 1 tab.
- Margens: 3 cm nas margens esquerda e superior e 2 cm nas margens direita e inferior.
- Papel: A4 branco ou A4 estilo reciclado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: Modelos Essenciais para Elaboração

Ms. Magna Campos

A NBR 6023/2002, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) fixa condições exigíveis na ordem dos elementos das referências e estabelece convenções para transição e apresentação da informação originada do documento.

CONCEITO

“Conjunto padronizado de elementos descritivos retirados de um documento, que permite sua identificação individual.” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2000, p. 2).

FINALIDADE

- a) identificar os documentos consultados na elaboração de um trabalho acadêmico;
- b) enfatizar a honestidade intelectual, dando o devido crédito ao autor do texto original ao qual se faz referência;
- c) possibilitar ao leitor a localização da fonte de onde foi extraída a informação, ou seja, ele pode buscar mais detalhes sobre o tema do trabalho.

LOCALIZAÇÃO

- a) no rodapé de uma página ou folha;
- b) no fim de texto ou de capítulo;
- c) em lista de referências;
- d) antecedendo resumos, fichamentos, resenhas e resenhas.

REGRAS GERAIS DE APRESENTAÇÃO

- a) sempre que possível, os elementos descritivos de uma referência devem ser retirados da folha de rosto do documento consultado;
- b) margem – as referências são alinhadas **somente à margem esquerda**, sendo seguida uma pontuação uniforme para todas as referências;

- c) espaçamento – as referências devem ser manuscritas, datilografadas ou digitadas usando-se espaço simples (1,0 cm) entre as linhas e espaço duplo (ou 1,5 cm) para separá-las entre si;
- d) os recursos tipográficos (negrito, grifo ou itálico) devem ser uniformes em todas as referências, sendo usados para destacar: títulos das obras (livros, folhetos, trabalhos acadêmicos etc.); título dos periódicos (jornais e revistas); título de documentos de eventos (Anais..., Resumos... etc.);
- e) a entrada – palavra ou termo que dá início à referência pode ser por autor pessoal, por autor entidade ou por autor desconhecido.

Ordem de apresentação:

A ordem de classificação pode ser **numérica** ou **crescente**.

ELEMENTOS DA REFERÊNCIA:

1. **ELEMENTOS ESSENCIAIS:** São aqueles indispensáveis à identificação de um documento: *Autor, obra, edição, cidade, editora, ano.*

Modelo: AUTOR(ES). **Título:** subtítulo (se houver). n. ed. Local de publicação: Editora, ano de publicação.

Exemplo: SCHAFF, Adam. **História e verdade.** 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

→ **ATENÇÃO:** **Sobrenome que indica grau de parentesco:** Filho, Neto, Júnior, Segundo etc. (Incorporar ao SOBRENOME).

Exemplo: SANTOS JÚNIOR, Arnaldo. **O que é pesquisa.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1984.

2. **ELEMENTOS COMPLEMENTARES:** São aqueles opcionais à identificação de um documento: tradutor, total de páginas, série, coleção.

Modelo: AUTOR(ES). **Título:** Subtítulo (se houver). Indicação de responsabilidade, n. ed. Local de publicação: Editora, ano de publicação. Total de páginas ou volumes. (Série ou Coleção).

Exemplo: SCHAFF, Adam. **História e verdade.** Tradução Maria Paula Duarte. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 317 p. (Novas Direções).

Não colocar
5ª ed. e sim
5.ed

Referência de livros:

Autor pessoal: último sobrenome do autor (MAIÚSCULAS), seguido do prenome e demais sobrenomes. **Observação:** Exceto o sobrenome, os prenomes poderão vir representados somente pela inicial seguido de ponto.

1. Um autor:

SOBRENOME, prenome. **Livro:** subtítulo. ed. Local: editora, ano.

Exemplos:

BUENO, Francisco da Silveira. **O que é poesia.** 2.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

Ou

BUENO, F. da S. **O que é poesia.** 2.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

No título, usar
maiúscula apenas na
primeira palavra ou
para nomes próprios.
Errado: O Que É
Poesia

2. Dois autores:

SOBRENOME, prenome; SOBRENOME, prenome. **Livro:** subtítulo. ed. Local: editora, ano.

Exemplo:

BUENO, Francisco da Silveira; COSTA, Marta Freire. **Métodos de pesquisa.** 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

3. Três autores:

SOBRENOME, prenome; SOBRENOME, prenome; SOBRENOME, prenome. **Livro:** subtítulo. ed. Local: editora, ano.

Exemplo:

BUENO, Francisco da Silveira; COSTA, Marta Freire; LOPES, Lúcia Ferreira. **Métodos de pesquisa.** 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

4. Mais de três autores:

SOBRENOME, prenome *et al.* **Livro:** subtítulo. ed. Local: editora, ano.

Exemplo:

BUENO, Francisco da Silveira *et al.* **Métodos de pesquisa.** 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

5. Quando há um organizador da obra: (mesmo para Compiladores, Coordenadores, Adaptadores.

6.

SOBRENOME, prenome (org.). **Livro:** subtítulo. ed. Local: editora, ano.

Exemplo:

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

7. Autor entidade: a entrada é direta pelo nome da entidade

ENTIDADE. **Obra:** subtítulo. Local, ano.

Exemplo:

Entidade por extenso e em caixa alta.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023:** informação e documentação – referências – elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

8. Autoria desconhecida: a entrada é pela primeira palavra, em letras maiúsculas, do título do livro ou do artigo de revista ou do artigo de jornal etc.

A primeira palavra do título em CAIXA ALTA. Livro: subtítulo. ed. Local: editora, ano.

Exemplo:

GLOBALIZAÇÃO e sustentabilidade. São Paulo: Moderna, 2003.

9. Nomes geográficos: quando anteceder um órgão governamental (Federal, Estadual ou Municipal).

NOME GEOGRÁFICO. Entidade. **Obra.** Local: editora, ano.

Exemplo:

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília, DF: MEC, 2000.

Exemplo: Federal

BRASIL. Ministério da Saúde. Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS. **Hepatites, AIDS e herpes na prática odontológica.** Brasília, 1996.

Exemplo: Estadual

MARANHÃO. Gerência de Estado de Segurança Pública. **Relatório de atividades 2003.** São Luís, 2003.

Exemplo: Municipal

SÃO LUÍS. Secretaria Municipal de Educação. **Listagem das escolas municipais de ensino fundamental de São Luís.** São Luís, 2004.

Capítulo de livro:

1. Do mesmo autor da obra: autor(es) publica(m) toda a obra.

SOBRENOME, prenome. Título: subtítulo da parte referenciada. In: _____. **Título:** subtítulo da obra no todo. n. ed. Local de publicação: Editora, ano de publicação. página inicial-final da parte.

06 toques underline

Exemplo:

SEVERINO, Antônio Joaquim. A internet como fonte de pesquisa. In: _____. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2002. p.133-142.

2. Com autoria própria: cada capítulo tem autor(es) próprio(s)

SOBRENOME, prenome. Título: subtítulo da parte referenciada. In: SOBRENOME, prenome do autor da obra no todo. **Título:** subtítulo da obra no todo. n. ed. Local de publicação: Editora, ano de publicação. página inicial-final da parte.

Exemplo:

DESLANDES, Suely Ferreira. A construção do projeto de pesquisa. In: MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p.31-50.

Dicionário

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

DINIZ, Maria Helena. **Dicionário jurídico**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2005. 4 v.

Bíblia

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de Ludovico Garmus. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

Trabalhos acadêmicos (MONOGRAFIA, DISSERTAÇÃO, TESE etc.)

SOBRENOME, prenome. **Título:** subtítulo. Ano. Quantidade de folhas. Categoria (Monografia, dissertação ou tese) (Grau e área de concentração) – Unidade onde foi defendida, Local.

Exemplos:

CORRÊA, Katyanne Soares; BASTOS, Núbia Costa. **Imagens, máscaras e mitos:** o negro na prosa maranhense do século XIX. 2003. 45 f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2003.

CORRÊA, Katyanne Soares; BASTOS, Núbia Costa. **Imagens, máscaras e mitos:** o negro na prosa maranhense do século XIX. 2003. 145 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Letras) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2003.

CORRÊA, Katyanne Soares; BASTOS, Núbia Costa. **Imagens, máscaras e mitos: o negro na prosa maranhense do século XIX**. 2003. 345 f. Tese (Programa de Pós-graduação em Letras) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2003.

Periódicos: REVISTA e JORNAIS

1. Com autoria

Revista: SOBRENOME, prenome. Artigo. **Periódico**, local, v., n., p. inicial-final, mês. Ano.

Jornal: SOBRENOME, prenome. Artigo. **Jornal**, Local, p., data. Número ou título do caderno, seção ou suplemento.

Exemplos:

NOVAES, Willian. Computador fashion. **IstoÉ**, São Paulo, n. 1789, p.76-77, jan. 2004.

COSTA, Maria Pinto. Literatura portuguesa. **Revista de Letras**, São Paulo, v. 2, n.3, p.10-25, nov. 2003.

MENDES, Cláudio Augusto. Conto e poesia. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, ano 1, n.2, p.7-11, out. 2001.

CHAVES, Daniel. Patrimônio ambiental. **O Estado de Minas**, Belo Horizonte, p. 6, 4 jan. 2004. Cad.3, Cotidiano.

2. Sem indicação de autoria

PRIMEIRA PALAVRA e o restante do título. **Periódico**, local, v., n., p.inicial-final, mês. Ano.

Exemplos:

AMBIENTALISMO o dilema. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p.8, 5 maio 2009.

A GEOMETRIA na Antiguidade clássica. **Cadernos de Letras**, Pelotas, v. 2, n. 2, p. 4-15, dez. 2003.

Documentos na versão eletrônica

Coloca-se no final de uma referência a expressão: Disponível em: < endereço eletrônico >. Acesso em: data de acesso a Internet.

Exemplo:

BARBARINE, Gian Luca Sampaio. **Política no Brasil**. 2001. Disponível em: <www.mre.gov.br>. Acesso em: 9 set. 2003.

Documentos jurídicos (constituição, lei, decreto etc.)

CONSTITUIÇÃO:

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

DECRETO:

BRASIL. Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Lex**: coletânea de legislação e jurisprudência, São Paulo, ano 61, p. 1150-1163, mar./abr. 1997.

LEI:

SÃO LUÍS. Lei nº 3.252, de 29 de dezembro de 1992. Dispõe sobre a instituição do plano diretor do município de São Luís, e dá outras providências. **Diário Oficial do Município**, São Luís, 15 abr. 1993.

Documento cartográfico (mapa, atlas, globo etc.)

AUTOR (PESSOA OU ENTIDADE). **Título**. Local: Editora, data. Especificação do material em unidades físicas: indicação de cor, dimensões (altura x largura). Escala. Notas.

Exemplos:

Atlas

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. **Atlas celeste**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 188 p.

Carta geográfica

POLITANO, W.; CORSINI, P. C.; SPOTO, R. S. **Carta da erosão acelerada das terras do município de Taiaçu-SP**. Jaboticabal: FCAV, UNESP, 1984. 1 carta, cópia heliográfica, 97 cm x 86 cm. Baseada na cobertura aerofotogramétrica de 1972.

Globo

BRUECKMANN, Gustav. **Globo**. São Paulo: Atlas, 1998. 1 globo: color., 31 cm de diâm. Escala 1:41.849.

Observações importantes:

- Se tiverem, na mesma referência, dois ou mais livros do mesmo autor, citar o mais atual de forma normal e nos demais, em ordem decrescente de data, colocar _____. (6 espaços *underline*) no lugar do nome do autor e completar a citação normalmente com os demais dados.

Edição:

Quando houver uma indicação de edição, essa deve ser transcrita, utilizando-se abreviaturas dos numerais ordinais e da palavra edição, ambas na forma adotada na língua do documento.

Português: 2.ed. / Inglês: 1st ed. 2nd ed. 3rd ed. 4th ed.

Indicam-se também as emendas e acréscimos, de forma abreviada.
2. ed. rev. ampl.

Não sendo possível determinar o local, utiliza-se a expressão *sine loco*, abreviada, entre colchetes [S.l.].

Editora:

Na impossibilidade de se identificar a editora, utiliza-se a expressão *sine nomine*, abreviada, entre colchetes [s.n.].

Quando o local e o editor não puderem ser identificados na publicação, utilizam-se as expressões *sine loco* e *sine nomine*, abreviadas e entre colchetes [S.l.: s.n.].

Meses abreviatura:

janeiro - jan./ fevereiro - fev./ março - mar./ abril - abr./ maio - maio/ junho - jun/ julho - jul./ agosto - ago./ setembro - set./ outubro - out./ novembro - nov./ dezembro - dez.

Referência bibliográfica:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação - referências-elaboração. Rio de Janeiro, ago. 2002.

CAMPOS, Magna. **Manual de gêneros acadêmicos**: resenha, fichamento, memorial, resumo científico, relatório, projeto de pesquisa, normas da ABNT. Mariana: [s.n], 2011. Mimeo.

Lista de exercícios:

1. Selecione a alternativa correta:

NORBERTO Bobbio. **A era dos direitos**. 10. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. 10. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

2. Selecione a alternativa correta:

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala**. 58. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

WEIL, Pierre e TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala**. 58. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

3. Selecione a alternativa correta:

BONAVIDES, Paulo. **Teoria constitucional da democracia participativa**. São Paulo: Malheiros, 2001.

BONAVIDES, Paulo. **Teoria Constitucional da Democracia Participativa**. São Paulo: Malheiros, 2001.

4. Selecione a alternativa correta:

BARACHO, José Alfredo de Oliveira. **Teoria geral das comissões parlamentares**. Rio de Janeiro: Forense, 1988.

BARACHO, José Alfredo de Oliveira. **Teoria geral das comissões parlamentares**. Rio de Janeiro: Forense, 1988.

5. Selecione a alternativa correta:

VENOSA, Sílvio de Salvo. **Direito civil**: contratos em espécie - v. 3. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

VENOSA, Sílvio de Salvo. **Direito civil**: contratos em espécie. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2003, v. 3.

6. Selecione a alternativa correta:

TELLES Jr., Goffredo. **Direito quântico: ensaio sobre o fundamento da ordem jurídica**. 7. ed. São Paulo: Juarez de Oliveira, 2003.

TELLES Jr., Goffredo. **Direito quântico**: ensaio sobre o fundamento da ordem jurídica. 7. ed. São Paulo: Juarez de Oliveira, 2003.

7. Selecione a alternativa correta:

SOARES, Edvaldo. **Metodologia Científica**: lógica, epistemologia e normas. São Paulo: Atlas, 2003.

SOARES, Edvaldo. **Metodologia Científica**: lógica, epistemologia e normas. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

8. Selecione a alternativa correta:

MORAES, Roque. **O que é afinal esta coisa chamada ciência?** 2.ed. São Paulo: Duas Letras, 2006.

MORAES, Roque. **O que é afinal esta coisa chamada ciência?** 2.ed. Duas Letras: São Paulo, 2006.

9. Selecione a alternativa correta:

BIZZOTTO, Carlos Eduardo Negrão. **O que é uma incubadora de empresas?** 3.ed. 2008. Blumenau: Diretiva.

BIZZOTTO, Carlos Eduardo Negrão. **O que é uma incubadora de empresas?** 3.ed. Blumenau: Diretiva, 2008.

10. Selecione a alternativa correta:

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Manual de gestão tecnológica**. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

UFRGS. **Manual de gestão tecnológica**. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

11. Selecione a alternativa correta:

GODOFREDO FILHO, Luiz. **A física quântica em questão**. 4.ed. Campinas: SBA, 2012.

FILHO, Luiz Godofredo. **A física quântica em questão**. 4.ed. Campinas: SBA, 2012.

12. Selecione a alternativa correta:

BRASIL. Secretaria de desportos. **Relatório de investimento em esportes no período de 2009 e 2010**. Brasília, 2011.

SECRETARIA DE DESPORTOS. Brasil. **Relatório de investimento em esportes no período de 2009 e 2010**. Brasília, 2011.

2) Elabore a referência bibliográfica, de acordo com a NBR 6023 (2002) das obras abaixo:

LIVROS:

a) São Paulo/ 5ª edição/ Editora Ática/ Paulo Godoy e Anísio Alencar/ 2003/ Pensar o Brasil Rural.

b) Editora Scipione/ 2008/ Carlos Venâncio Júnior e Douglas Eliotério/ A arte de cuidar do espaço onde vivemos/ Belo Horizonte.

c) 2001/ Fernanda Pimentel Junqueiro, Carlos Galhardo Amarante, João Gomitte/ A sociedade de Consumo/ Editora Campo Belo/ 7ª edição revisada/ 202 páginas.

d) Breno Souza, Marcos Castro, Henrique Pontes, Arianne Alves, Mônica Silveiro/ Renove sua vida: a valorização da auto-imagem para uma vida melhor no século 21 /São Paulo/ Editora Summus/ 1997. 332páginas.

e) Umberto Giuseppe Cordanni (organizador)/ 2003/ Rio de Janeiro/ editora Moderna/ A Terra pede socorro; 1ª edição.

f) Associação brasileira de normas técnicas/ Rio de Janeiro/ 1977/ NBR 5891: regras de arredondamento na numeração decimal.

g) Crítica à razão/ Autor desconhecido/ Manhauçu/ Editora Pargus/1ª edição/ 2002.

CAPÍTULOS DE LIVRO:

g) James Boggs./ obra: A revolução americana/ Capítulo de livro: Ação e pensamento ambiental (páginas 17 à 42)/ Capítulo do mesmo autor/ São Paulo/ editora Brasiliense/ 1999.

h) Izabel Cristina Ferreira/ Obra: A saúde da mulher trabalhadora./ Capítulo de livro: Sofrimento psíquico nas organizações/ Autor do livro: Wanderley Sampaio)/ Rio de Janeiro/ Vozes/ páginas 115-126/ 2002.

TESE:

i) Janete Maria de Carvalho/ 1999/ A formação do professor e do pesquisador do curso de Engenharia no Brasil/ 486folhas/ Programa de Pós-graduação da Faculdade de Engenharia/ Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Rio de Janeiro/ Doutorado em Engenharia Mecânica.

ARTIGOS DE PERIÓDICO:

j) Nilo Alberto/ A violência segundo Champagnat/ Revista Veritas/ volume 4/ número 11/ Porto Alegre/ páginas 249-253/ setembro/ 1993.

k) Suzana Pinheiro Machado/ A pesquisa na formação do bibliotecário/ Revista Virtual de Biblioteconomia/ Página da Internet <http://biblioteconomia.cjb.net>. Acessado no dia 9 de agosto 2009.

ARTIGO DE INTERNET:

Tatiana Alcade/ Artigo: Tecnologia e ética uma questão delicada/ página de internet:<<http://www.farmais.com.br> >. Acessado em: 20 de janeiro de 2007.

CITAÇÕES CIENTÍFICAS

Ms. Magna Campos

Em um trabalho científico, devemos ter sempre a preocupação de fazer referências precisas às ideias, frases ou conclusões de outros autores. É obrigatório, ao autor do trabalho, indicar os dados completos das fontes de onde foram extraídas as citações (livro, revista e todo tipo de material produzido gráfica ou eletronicamente). As referências devem ser feitas ao longo do texto, acompanhando as citações.

As citações fundamentam e melhoram a qualidade científica do trabalho, portanto, elas têm a função de oferecer ao leitor condições de comprovar a fonte das quais foram extraídas as ideias, frases ou conclusões, possibilitando-lhe ainda aprofundar o tema/assunto em discussão. Têm ainda como função acrescentar indicações bibliográficas de reforço ao texto.

As citações podem ser:

- **diretas** → quando se referem à transcrição (literal) de uma parte do texto de um autor, conservando-se a grafia, pontuação, idioma etc. Essas são chamadas de citações diretas e devem ser registradas no texto. São introduzidas por verbos como: *afirma, cita, diz, conclui, propõe*.

- **indiretas** → quando são redigidas pelo(s) autor(es) do trabalho a partir das ideias e contribuições de outro autor. Consistem na reprodução do conteúdo e/ou ideia do documento original. Podem ser indicadas no texto por expressões como: *conforme, segundo* ou *de acordo com*, seguidas do sobrenome do autor e do ano de publicação da obra. É a paráfrase.

As fontes de pesquisa podem ser:

- **primárias**: quando é a obra do próprio autor que é objeto de estudo ou pesquisa.

Ex: Quando utilizo, em meu trabalho sobre globalização, um texto escrito por Zygmunt Bauman sobre esse tema (globalização).

• **secundárias**: quando se trata da obra de alguém que estuda o pensamento de outro autor ou faz referência a ele.

Ex: Quando utilizo, em meu trabalho sobre globalização, um texto de Tomaz Tadeu da Silva, no qual este autor analisa as ideias de Bauman a respeito do tema (globalização).

Os elementos que devem contar na citação direta são os seguintes:

- SOBRENOME do autor em letras maiúsculas;
- data da publicação do texto citado;
- página(s) referenciada(s).

Citar em MAIÚSCULAS quando estiver DENTRO dos parênteses.

Exemplos:

(CHRISTOFOLETTI, 1999, p. 76)
 (JUNQUEIRA; CARNEIRO, 1997, p. 89-94)
 (CLEMENTE; SOUZA; COLNAGO, 2001, v. 2, p. 7)
 (UNESP, 2000, p. 53)
 (GEOMORFOLOGIA..., 2001, p. 10)
 (SILVA et al. apud FARIAS, 1999, p. 534)

Nas **notas de rodapé**²³, a primeira vez que uma obra é citada, deve-se fazer a citação seguindo-se o modelo acima; nas subsequentes, se não houver obra de outro autor entre uma e outra, elas podem aparecer antecedidas das expressões latinas:

- *ibidem* (ou *ibid.*): quando a citação for do mesmo autor e mesma obra;
- *idem* (ou *id.*): quando a citação for do mesmo autor e obra diferente.

Ex:

Uso do Idem:	Uso do Ibidem:
1 SARMENTO, 1978, p. 59	1 ANDRADE, 1999, p. 67
2 Id., 1987, p. 77	2 Ibid., p. 89
3 Id., 1988, p. 135	3 Ibid., p.150

²³ Lembrar sempre que o texto, na nota de rodapé, deve ter oficialmente fonte Times New Roman ou Arial, tamanho 10 e alinhamento justificado.

Citações Diretas²⁴:

- ✓ **Curtas:** As citações curtas, com **até 3 linhas**, são incorporadas ao texto, transcritas entre aspas duplas (“trecho citado”) com indicação das fontes de onde foram retiradas. Caso haja no texto citado a ocorrência de aspas, estas deverão aparecer no corpo da citação com aspas simples, marcando o intervalo que o autor do trecho citado colocou entre aspas (“trecho citado ‘com aspas simples’ para marcação do autor da obra citada”).

Exemplos:

Imensas possibilidades de sentido “não foram conscientizadas nem utilizadas ao longo de toda a vida histórica de uma dada cultura. A própria Antiguidade desconhecia aquela Antiguidade que hoje conhecemos” (BAKHTIN, 2003, p.364).

Segundo Guyton, Murphy e Jonh, “alguns dos poros dos capilares são tão grandes que permitem o ‘vazamento’ contínuo de pequenas quantidades de proteínas, chegando a atingir, a cada dia, cerca da metade do total de proteínas da circulação” (1988, p. 279).

- ✓ **Longas:** As citações longas, **com mais de 3 linhas**, deverão ser apresentadas sem aspas. São transcritas em bloco e em **espaço simples** de entrelinhas, com **recuo de 4 cm** da margem esquerda, **fonte tamanho 10**. Antes ou ao final da transcrição, faz-se a citação da fonte de onde foi retirada.

Exemplo:

Manguel nos dá um exemplo de como era realizado e celebrado esse ritual de aprender a ler na Baixa Idade Média e início da Renascença na sociedade judaica:

Na festa de Shavout, quando Moisés recebia a Torá das mãos de Deus, o menino a ser iniciado era envolvido num xale de orações e levado por seu pai ao professor. Este sentava o menino no colo e mostrava-lhe um lousa onde estava escrito o alfabeto hebraico [...]. O professor lia em voz alta cada palavra e o menino as repetia. A lousa então era coberta com mel e a criança a lambia, assimilando assim, corporalmente, as palavras sagradas. (MANGUEL, 1997, p.90)

De acordo com Chiavenato (1999, p. 294),

²⁴ Incorreções (erros gráficos) ou incoerências (erros lógicos) podem ser detectadas nos textos alheios. Não se deve corrigi-las na citação. Após o elemento incorreto ou incoerente insere-se a expressão latina **sic**, entre colchetes [sic] (que significa “assim mesmo no original”).

o treinamento tem sido entendido como o processo pelo qual a pessoa é preparada para desempenhar de maneira excelente as tarefas específicas do cargo que deve ocupar. Modernamente, o treinamento é considerado um meio de desenvolver competências nas pessoas para que elas se tornem mais produtivas, criativas e inovadoras.

Citações Indiretas:

A citação indireta reproduz ideias do autor consultado sem, contudo, transcrever o texto literalmente. Nesse caso, **as aspas não são necessárias**, todavia, citar a fonte é indispensável.

Os elementos que devem aparecer na citação indireta são:

- ✓ SOBRENOME do autor
- ✓ ano de publicação

Ex: Silva (1989)

(SILVA, 1989)

Esse tipo de citação pode ser apresentado de duas formas:

- ✓ **por paráfrase**: quando alguém expressa a ideia de um dado autor, ou de uma fonte determinada, com palavras próprias. A paráfrase, quando fiel à fonte, é geralmente preferível a uma longa citação textual, mas deve, porém, ser feita de forma que fique bem clara a autoria.

Exemplo:

Quando se associa anticoagulantes com aspirina pode ocorrer hemorragias graves, não havendo contraindicações ao se realizarem outras associações. Drogas como: carbamazepina, colestiramina, glutetimida, griceofulvina, fitonadiona, rifanpicina, babilúricos sofrem redução da atividade anticoagulante ao interagirem com estes (SILVA, 2002).

- ✓ **por condensação**: quando se faz uma síntese do texto consultado, sem alterar o pensamento ou ideias do autor.

Exemplo:

De acordo com Silva (2002), quando se associa anticoagulantes com aspirina pode ocorrer hemorragias graves, não havendo contraindicações ao se realizarem outras associações.

Citação de Citação

Esse tipo de citação ocorre, quando o autor do trabalho transcreve, direta ou indiretamente, um texto ao qual não teve acesso ao original (citação de “segunda mão”). Neste caso, o segundo a citar deverá acrescentar, antes da indicação da fonte consultada, a palavra *apud* (que quer dizer junto a, ou citado por).

Na referência bibliográfica deverá ser citado somente a obra consultada.

Esse tipo de citação, no entanto, não é muito aconselhável aos pesquisadores, pois o ideal é sempre consultar o original.

Exemplo:

De acordo com Dessler (*apud* CHIAVENATO, 1999) “treinamento é o processo de ensinar aos novos empregados as habilidades básicas que eles necessitam para desempenhar seus cargos”.

O “treinamento é o processo de ensinar aos novos empregados as habilidades básicas que eles necessitam para desempenhar seus cargos” (DESSLER *apud* CHIAVENATO, 1999) .

OBSERVAÇÃO:

Apud = Citado por, conforme, segundo...

ÚNICA expressão latina que pode ser usada tanto no texto como em notas de rodapé

Exemplos:

(QUEIROZ, 1999 *apud* SANCHEZ, 2000, p. 2-3)

Segundo Queiroz (*apud* SANCHEZ, 2000, p. 2-3) diz ser [...]

Lefebvre (1983 *apud* Coelho 2000, p. 178) propunha em seu método...

Referência bibliográfica:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação – citações em documentos – apresentação. Rio de Janeiro, ago 2002.

O GÊNERO TEXTUAL ARTIGO CIENTÍFICO²⁵

APRENDA COMO ELABORAR UM ARTIGO CIENTÍFICO

Magna Campos

(Mestre em Letras: discurso e representação social)

Resumo:

Este trabalho apresenta as normas e os elementos básicos comuns ao gênero textual artigo científico e visa servir de orientação para a escrita de artigos, de acordo com os padrões da ABNT-NBR 6022/2003 e com os pressupostos teóricos da produção do gênero textual acadêmico científico. São abordadas as questões fundamentais envolvidas no planejamento de um artigo, as características, a estrutura e o detalhamento dessa estrutura. Desta forma, obtém-se uma maior preparação do iniciante para a escrita do texto no âmbito deste gênero científico.

Palavras-chave: artigo científico; especificidades; gênero textual.

INTRODUÇÃO:

O gênero textual artigo científico refere-se à apresentação de um relatório escrito de estudos a respeito de uma questão específica ou à divulgação de resultados de uma pesquisa realizada. De acordo com a NBR²⁶ 6022 (p.2, 2003), o artigo científico parte “de uma publicação com autoria declarada, que apresenta e discute ideias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento”.

Geralmente, tem como objetivo tornar conhecido o diálogo produtivo com o referencial teórico utilizado no estudo, a metodologia empregada, a análise da questão-problema e os resultados obtidos. Promovendo, assim, o intercâmbio de ideias entre os estudiosos de uma área de atuação.

A questão motivadora do estudo, chamada aqui de questão-problema, pode ser uma questão prática, teórica ou simplesmente uma revisão de assunto, que nada mais é que analisar ou discutir informações já publicadas.

Podem ser escritos para trabalhos acadêmicos, sem fins de publicação, ou para serem publicados nos periódicos científicos de uma determinada área da ciência. É necessário observar que, ao submeter um artigo científico à aprovação de um periódico, o autor deve seguir as normas editoriais adotadas por tal suporte textual, que podem ou não coincidir com as normas da ABNT.

²⁵ Originalmente publicado em: CAMPOS, Magna. O gênero textual artigo científico. **Revista Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XV, n. 100, maio 2012. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=11565>

²⁶ Norma Brasileira estabelecida pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Para melhor percepção didática do gênero textual em estudo, serão tratadas dentro das especificidades do artigo científico: as questões fundamentais; as características; a estrutura comum e o detalhamento da dessa estrutura.

Desta forma, pretende-se deixar o estudante bastante “amparado”, textual e normativamente, quanto à elaboração deste gênero textual.

2. O ARTIGO CIENTÍFICO: ESPECIFICIDADES

2.1 Questões fundamentais

Na elaboração de um artigo científico, devem-se levar em conta as condições de produção envolvidas:

- O que se quer comunicar?
- Para quem se quer comunicar?
- Com que objetivo?
- Onde e quando se pretende comunicar?

Essas questões orientarão a forma de escrever, os padrões a serem seguidos e poderão ajudar na aceitabilidade do texto final pela comunidade discursiva na qual ele pretende se inserir.

2.2 Características

Como um gênero textual específico, o artigo apresenta características que lhes são próprias. As autoras Scheibel e Vaisz propõem que um artigo deva ser:

1. “Sistemático: estruturado de forma coerente, com continuidade entre as partes;
2. Criterioso: alicerçado nos critérios de validação científica e na correta conceituação dos termos. O autor deve indicar como, quando e onde obteve os dados de que se valeu para estabelecer suas afirmações e conclusões. [...]
3. Embasado: as afirmações devem estar sustentadas e inter-relacionadas, bem como serem coerentes com um referencial teórico consistente.
4. Estilo de linguagem adequado: essa linguagem deve ser coerente, objetiva, precisa, clara, correta (sem erros), com alto grau de especificidade.
5. Preciso: os conceitos devem ser determinados com precisão. Por exemplo: ‘João estava com muita febre’. O melhor seria: ‘João apresentou uma temperatura axilar de 39,5°C’ ”. (SCHEIBEL; VAISZ, 2006, p.60)

Tais pressupostos devem ser observados na/para a elaboração do texto do artigo, pois configuram características obrigatórias para o gênero.

2.3 A estrutura

A NBR 6022/2003 dispõe que os artigos científicos são compostos de elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais, quais sejam:

Os elementos pré-textuais são constituídos de:

- a) título, e subtítulo (se houver);
- b) nome(s) do(s) autor(es)²⁷;
- c) resumo na língua do texto;
- d) palavras-chave na língua do texto.

Os elementos textuais constituem-se de:

- a) introdução;
- b) desenvolvimento;
- c) conclusão.

Os elementos pós-textuais são constituídos de:

- a) referências;
- b) apêndice(s);
- c) anexo(s)

É possível ainda a inserção de resumo em língua estrangeira e palavras-chave nessa língua, notas explicativas e glossário.

2.3.1 Detalhamento da estrutura:

a) O *título* deve descrever de forma coerente e breve a essência do artigo. Pode incluir um subtítulo. Atente para o fato de o título não ser finalizado por ponto final.

Exemplos:

O poder normativo e regulador das agências reguladoras federais: abrangência e limites
Exame da confiança interpessoal baseada no AFET
A origem do homem americano vista a partir da América do Sul: uma ou duas migrações?
Comida de gente: preferências e tabus alimentares entre os ribeirinhos do Médio Rio Negro (Amazonas, Brasil)

b) A *autoria e as credenciais do autor* constituem um elemento importante e figuram logo abaixo do título do artigo. Entenda-se por credenciais, neste caso, uma breve titulação e filiação do autor(es) do artigo. São alinhados à direita do título.

²⁷ É comum colocar-se em nota de rodapé as credenciais do autor e local de atividade.

Exemplos:

José Eduardo Mognillho
Doutor em Ciências Políticas (USP)

Marina Mendigal Osório
Pós-doutora em Semiótica (PUCSP)
Professora do departamento de Linguística da UFSCAR

Dr^a. Viviane Gonçalves Perdigão
Pesquisadora do Cnpq

c) O *resumo* de um artigo não deve ultrapassar 250 palavras. A NBR 6028/2003 que trata especificamente do resumo, dispõe o seguinte:

- No resumo, apresentam-se os pontos mais relevantes do texto e este deve ser apresentado de forma concisa, clara e inteligível;
- Deve ressaltar o objetivo, o tema, o método, resultados e conclusões do trabalho;
- Recomenda-se a utilização de parágrafo único e com extensão de no máximo 250 palavras (fonte arial ou *times new roman*, tamanho 10, espaço simples entre linhas e em itálico);
- Deve conter palavras-chave representativas do conteúdo do trabalho, logo abaixo do resumo;
- Utilizar uma sequência concisa de frases e não uma enumeração de tópicos;
- Não utilizar parágrafos, símbolos e ilustrações;
- Deve aparecer abaixo do título e do nome do autor, precedendo o texto;
- Usar espaçamento simples para o texto do resumo, devendo ser encabeçado.

Podem ser seguidos os seguintes movimentos retóricos²⁸ para a elaboração do resumo:

MOVIMENTO 1: ESTABELECEER O TERRITÓRIO/ SITUAR A PESQUISA
Passo 1 – Exposição da problemática abordada no trabalho e/ou
Passo 2 - Estabelecer a importância da pesquisa e/ou

²⁸ Esquema elaborado por Magna Campos, seguindo os preceitos dos Esquemas Potenciais do Gênero (EPG), a partir das propostas apresentadas por: BITTENCOURT, M. The textual organization of research paper abstracts. **Revista Text**, n.16(4), p.481-499, 1996. MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela. R. Uma análise transdisciplinar do gênero abstract. **Revista Intercâmbio**, n. 7, p.117-125, 1998. SWALES, J. M. **Genre Analysis: english in academic and research settings**. Cambridge: Univesity Press, 1990.

Passo 3 - Fazer generalizações e/ou
Passo 4 - Contra argumentar pesquisas prévias ou
Passo 5- Indicar lacunas em pesquisas prévias
MOVIMENTO 2: OCUPAR O NICHÔ
Passo 6 - Delinear os principais objetivos da pesquisa e/ou
Passo 7 - Indicar as principais características e/ou
Passo 8 - Levantar hipóteses
MOVIMENTO 3: DESCREVER A METODOLOGIA/ ESTRUTURA
Passo 9 - Indicar a metodologia e/ou
Passo 10– Indicar as técnicas de pesquisa e/ou
Passo 11 – Indicar a estrutura do trabalho
MOVIMENTO 4: REVISÃO DA LITERATURA
Passo 12: Citar principais autores utilizados na fundamentação teórica – Sobrenome (ano)
Passo 13: Citar as principais teorias ou conceitos utilizados/investigados
MOVIMENTO 5: SUMARIZAR OS RESULTADOS
Passo 14: Apresentar o/os principal(is) resultados/ conclusões/ou finalidades

Quadro 1: Movimentos retóricos para elaboração do resumo.

É importante saber que, na proposta apresentada no quadro acima, só os movimentos constituem elementos obrigatórios, os passos são apenas elementos que podem ou comumente estão contidos nestes movimentos.

Exemplos:

Resumo:

A confiança tem sido amplamente abordada por diversas disciplinas, como a Sociologia, a Psicologia, a Economia e o Marketing. Entretanto, após um exame do estado da arte dessa abordagem, vislumbram-se ainda lacunas no conhecimento da confiança. Um desses hiatos refere-se às bases afetivas da confiança, amplamente ignoradas pelos pesquisadores, que consideram, na maioria das vezes, apenas as bases cognitivas. Buscando preencher essa lacuna, o objetivo principal deste ensaio teórico é investigar a confiança interpessoal baseada no afeto, incluindo nessa investigação, com base na literatura existente sobre o tema, especialmente nos estudos de Bernard (2006) e Suotis (2008; 2010), sua precisa e clara definição, suas bases (como é construída), em que situações seria mais relevante e, finalmente, sua influência nas intenções de lealdade. Ao longo do ensaio são elaboradas proposições de pesquisa e, ao final, são feitas considerações e sugeridas futuras trilhas de pesquisa. Propõe-se neste estudo que a confiança interpessoal baseada no afeto seja explicada pela teoria do cuidado humano advinda da medicina e da enfermagem, que explora a necessidade de percepção pelo paciente de cuidado, atenção e interesse por parte do prestador de serviço.

Palavras-chave: Confiança interpessoal; influência intencional; afeto.

Resumo:

O presente trabalho tem por objeto investigar a abrangência e os limites do poder normativo e regulador das agências reguladoras federais brasileiras. Essas entidades, inspiradas nos órgãos reguladores norte-americanos, também chamados de agências, surgiram no direito brasileiro a partir da década de 1990, no âmbito do programa nacional de desestatização, também conhecido como privatização. A elas foi conferido o poder de editar normas reguladoras das atividades postas sob sua área de abrangência. No entanto, tendo em vista que nosso sistema jurídico é diferente do sistema norte-americano, tais poderes não têm a mesma dimensão daqueles concedidos às agências norte-americanas. A teoria que mais se adéqua ao nosso ordenamento é aquela que defende que o poder normativo e regulador das agências limita-se a questões técnicas e específicas relativas às atividades postas sob seu âmbito de atuação, e mesmo assim, nos exatos limites da lei. Trata-se muito mais de um “poder regulador”, visto sob o aspecto econômico, que “regulamentar”, do ponto de vista político-jurídico. Com relação ao método de abordagem, será utilizado o método indutivo para que, a partir da análise das posições doutrinárias, jurisprudenciais e diplomas legais seja possível formar posição, principalmente do prisma constitucional, sobre o tema proposto. Portanto, qualquer produção normativa além desses parâmetros será fulminada de inconstitucionalidade.

Palavras-chaves: agências reguladoras; regulamento; desestatização; fundamento.

d) As *palavras-chave* configuram um elemento obrigatório e devem aparecer logo abaixo do resumo, antecedidas da expressão “palavras-chave”, separadas entre si por ponto ou ponto e vírgula e finalizadas também por ponto. São descritores representativos do conteúdo do trabalho. Geralmente não são menos de três e nem mais de seis palavras ou expressões. Os exemplos acima, pós-resumo, são bons ilustradores deste elemento do artigo.

e) Na *introdução* do artigo, local em que é feito a contextualização do tema abordado, podem constar: a delimitação do tema trabalhado, o problema de pesquisa, os objetivos e a justificativa de seu estudo. Além disso, é corrente reservar-se a parte final da introdução para fazer-se uma breve descrição do que será tratado em cada tópico do desenvolvimento, ou seja, do corpo do trabalho. Isso demonstra que o autor teve um cuidado especial com o percurso de leitura, sinalizado para o leitor, para se compreender o que está sendo tratado.

Em alguns textos, é na introdução que se apresentam os principais conceitos com os quais se irá trabalhar.

O professor Tomaz Tadeu da Silva (2006) propõe algumas orientações sobre a escrita do trabalho acadêmico, de cunho científico, e que precisam ser observadas desde a escrita da introdução do artigo. Diz o professor:

Conhecemos muito bem aquele tipo de texto que se resume a uma sucessão de citações ou paráfrases. Uma boa maneira de evitar esse encadeamento de invocações da autoridade alheia consiste em organizar a exposição em torno de uma questão ou de um problema. Se a sua exposição tiver um foco ou um tema central, você irá invocar as palavras alheias apenas para dar apoio às suas ideias a respeito desse tema, ou

para contrastar com o que você pensa sobre o tema, ou ainda para comparar o que diferentes autores dizem, concordando ou divergindo, sobre o tema em questão. (SILVA, 2006, p. 2)

E alerta.

Se você não tiver um tema ou problema bem definido, você irá fatalmente invocar a palavra alheia de maneira errática e casual e a propósito de *qualquer* coisa. O foco não deve ser, nunca, um autor determinado, mas o *seu* problema ou o *seu* tema. Ou seja, não se trata de saber o que um autor determinado tem a dizer sobre *qualquer* coisa, mas apenas e especificamente sobre o problema que você está tratando. (SILVA, 2006, p. 2)

É possível perceber-se que elaborar uma introdução não é uma questão de elencar algumas falas de autores e colocá-las em sequência, como muitas vezes ocorrem em trabalhos de alunos iniciantes. É preciso construir um texto com um propósito de exposição e argumentação bem definidos, com partes que formam um “tecido” de fato, como aponta Silva (2006), e não uma colcha de retalhos mal costurada e frágil demais. Recomendação que se ancora, também, no primeiro pressuposto, o de sistematicidade, preconizado pelas autoras Scheibel e Vaisz (2006), citadas anteriormente. Cuidado esse que é válido, por extensão, para todo o texto do artigo.

No quadro abaixo, tenta-se representar o formato de uma introdução²⁹ de artigo que pode ser empregado ou adaptado conforme a necessidade do autor.

INTRODUÇÃO:

Exposição do assunto ou do tema

A delimitação do tema estudado

O problema que será abordado ou discutido no artigo

A justificativa/ objetivo do estudo/ ou os conceitos com os quais se trabalhará

Para isso, será abordada inicialmente a questão da na sequência propõe a e depois a análise de

Quadro 2: Proposta de estrutura da Introdução do Artigo.

²⁹ Se você reler a introdução deste texto, verá que foi elaborado seguindo-se esse procedimento.

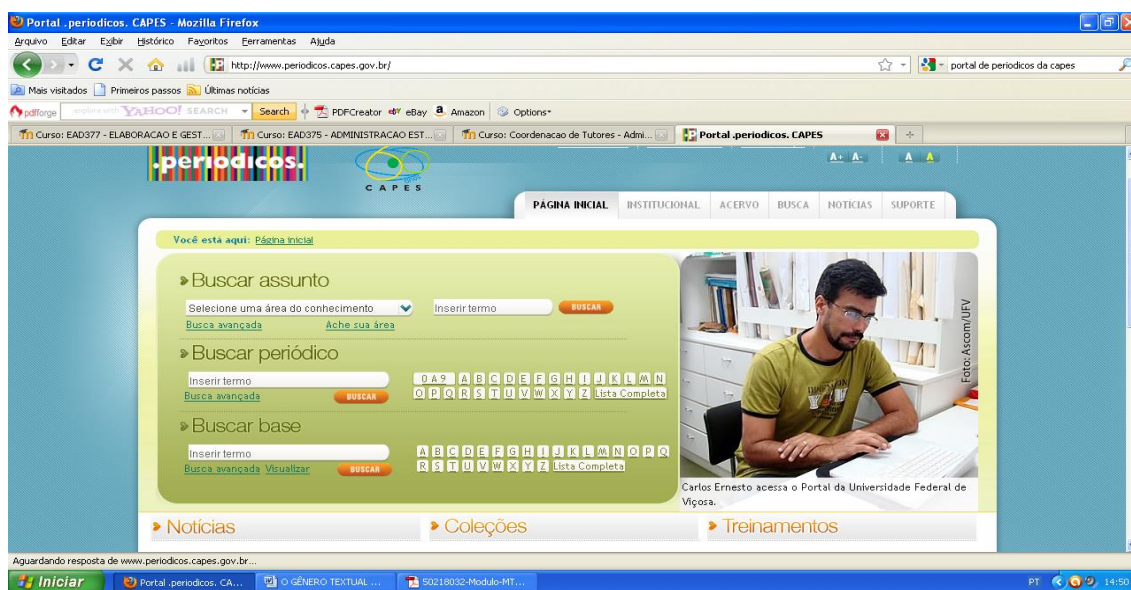
Se, no entanto, ao pretender redigir um artigo científico faltar boas fontes bibliográficas, além das bibliotecas das instituições de Ensino Superior, há, hodiernamente, muitos repositórios de artigos, com qualidade científica atestada pelos periódicos científicos em circulação, que podem ser consultados inteiramente pela internet.

Antes de citarem-se alguns deles, é preciso salientar que a internet trouxe um volume de textos à nossa disposição jamais vistos na história do desenvolvimento das ciências. Todavia, o estudante precisa ter em mente que, mais textos em circulação significa ter que se tomar ainda mais cuidado com a qualidade do material selecionado, pois circulam na *web* muitos textos sem qualidade textual e científica, frutos de muitos “achismos”, especialmente nos *blogs*.

Por isso, procure sempre se respaldar nos bons periódicos e livros de sua área de estudos.

Um bom local para se pesquisar é no *Portal de periódicos da CAPES*. Disponível a qualquer pesquisador no endereço:

www.periodicos.capes.gov.br/



Figur

a 1: Print screen da tela de abertura do Portal de Periódicos da CAPES.

E também no banco de dados do *Scielo*:

www.scielo.org/

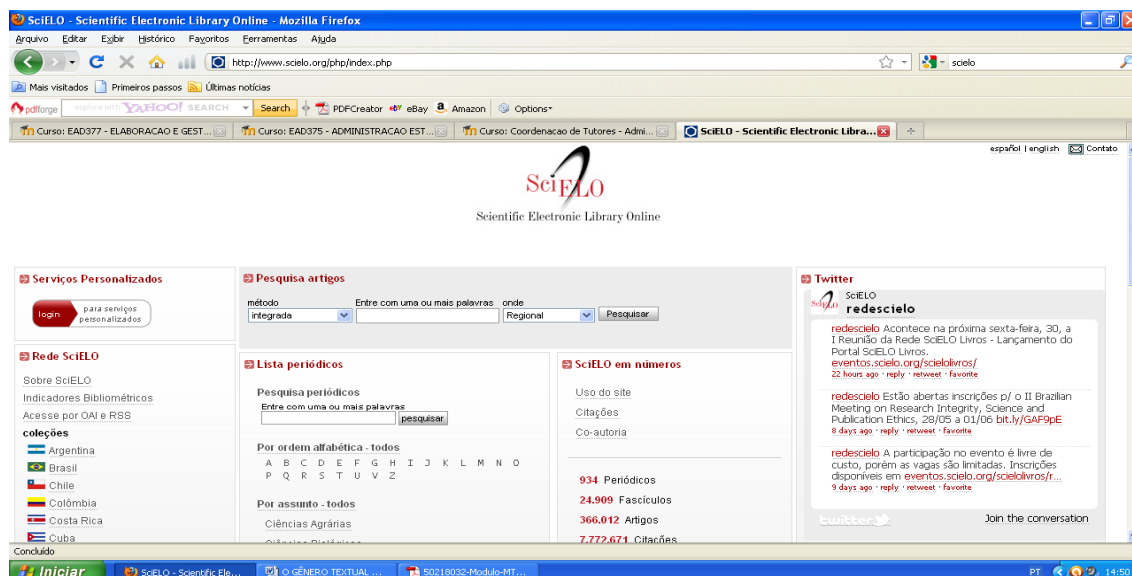


Figura 2: Print screen da tela de abertura do Scielo.

Ambos são repositórios de trabalhos legitimados pelas comunidades científicas, das mais diversas áreas do conhecimento, e são amplamente consultados pelos pesquisadores de todo o Brasil e do exterior.

f) A parte “maior” de um artigo científico é o *desenvolvimento*, também chamado de “corpo do trabalho”. O desenvolvimento apresenta uma peculiaridade: recebe um “título” que é representativo da temática tratada, em lugar da palavra “desenvolvimento”, que não deve constar do trabalho³⁰.

É nesta parte que as argumentações, comparações ou análises serão realizadas, uma vez que ele representa a parte principal do artigo. Assim, é corriqueiro que apresente seções e subseções devidamente marcadas no texto, em forma de alínea (deslocamentos da margem), mas que não o seccionem abruptamente, pois cada seção deve preparar a “entrada” da próxima e todas devem manter um diálogo entre si.

Sempre que possível, dentro do mesmo parágrafo, articule as frases para que construa uma ideia de sequência textual coerente e bem articulada, para que indiquem uma progressão textual interessante. Empregue palavras que indiquem:

³⁰ No artigo, o termo “desenvolvimento” deve ser trocado por algum subtítulo que identifique o tema tratado. Como aconteceu neste trabalho, no qual se empregou a expressão “O ARTIGO CIENTÍFICO: ESPECIFICIDADES” para designar a parte referente ao desenvolvimento.

- **as relações de tempo** - não use repetidamente a expressão “e depois”, pode substituí-la por: “em seguida”; “mas antes”; “mais adiante”; “logo a seguir”; “anteriormente”; “posteriormente”...
- **espaço** - é sempre importante que indique o local ou a posição dos elementos a que se referir, por exemplo na análise de algum anúncio. Nas descrições utilize expressões como: “à esquerda”, “à direita”; “em cima”; “por baixo”; “ao fundo”; “logo à entrada”; “atrás”; “em primeiro lugar”; “por último”; “em primeiro plano”; “ao centro”; “acima”; “abaixo”...
- **relações de causa** - quando precisar de explicar porque acontece determinada situação, use as seguintes expressões: “é por isso que”; “porque”; “visto que”; “foi por causa de”; “uma vez que”; “devido a” “em virtude de”...
- **relações de comparação e/ou oposição** - quando necessitar de ligar duas ideias ou acontecimentos, utilize as seguintes expressões: “pelo contrário”; “do mesmo modo”; “por outro lado”; “por sua vez”; “porém”; “no entanto”; “contudo”; “mesmo assim”; “igualmente”; “contrariamente” “nesse âmbito”; “nesse ínterim”...
- **demonstração de raciocínio** – use para convencer o leitor do seu texto: “com efeito”; “efetivamente”; “na verdade”; “desta forma”; “com certeza”; “decerto” “tendo em vista”; “haja vista”...
- **apresentação de exemplos** - para apresentar exemplos ou esclarecer melhor, use as expressões: “isto é”; “por outras palavras”; “aliás”; “ou seja”; “quer dizer”; “ou melhor”; “no que respeita a” ; “por exemplo”...

Por ser a parte principal do artigo, normalmente, é no desenvolvimento que aparece o maior número de outras vozes, isto é, de outros autores citados para construir a argumentação daquele que elabora o artigo. Isso se deve ao fato de o discurso científico precisar entrar em comunhão teórica com a ciência da área, mesmo que seja para questioná-la. Todavia, fique atento para evidenciar ao seu leitor onde termina a sua voz e onde começa a voz alheia. E trace sempre um diálogo com o material que você cita, pois só colocá-lo no texto não convencem o leitor do que é dito e nem de sua competência científica. Além disso, use as vozes alheias com muita parcimônia.

Veja nos três exemplos³¹ abaixo, o bom e o mau uso da citação no estilo paráfrase:

³¹ Retirados de SILVA, Tomaz Tadeu da. **Argumentação, Estilo, Composição**: introdução à escrita acadêmica. Porto Alegre: UFRGS/PPGE-Programa de Pós-Graduação em Educação, 2006, p.4-5.

- 1) A passagem original de Michel Foucault, em *História da sexualidade*, p. 17 (textualmente):

É necessário deixar bem claro: não pretendo afirmar que o sexo não tenha sido proibido, bloqueado, mascarado ou desconhecido desde a época clássica; nem mesmo afirmo que a partir daí ele o tenha sido menos do que antes. Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna. Todos esses elementos negativos – proibições, recusas, censuras, negações – que a hipótese repressiva agrupa num grande mecanismo central destinado a dizer não, sem dúvida, são somente peças que têm uma função local e tática numa colocação discursiva, numa técnica de poder, numa vontade de saber que estão longe de se reduzirem a isso.

- 2) Uma citação textual disfarçada de paráfrase (inaceitável)

Foucault não argumenta que o sexo tenha sido proibido e bloqueado desde a época clássica ou que tenha sido menos depois disso. Ele tampouco diz que a proibição do sexo seja uma ilusão. A ilusão, para ele, está em fazer dessa proibição o elemento central e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do sexo na Idade Moderna. Para Foucault, todos os traços negativos, tais como proibições, recusas e negações, que para a hipótese repressiva constituiriam um grande mecanismo central da negação, não passam de peças que têm uma função local e tática num aparato discursivo, numa técnica de poder, numa vontade de saber que não se reduzem a isso.

- 3) Uma paráfrase legítima (aceitável, pois há realmente a reelaboração do proposto com as palavras do autor do artigo)

Foucault (1979) não pretende negar que depois da Época Clássica houve uma forte repressão do sexo. A questão, para ele, não está em negar a realidade dessa repressão. O que ele questiona é que se possa compreender a história do sexo na Idade Moderna tendo essa repressão como elemento central. Para Foucault, não é a negação do sexo que é o mais importante, mas sim as formas pelas quais o sexo foi colocado em um discurso que é parte integrante de um processo mais amplo, constituído, além disso, por técnicas de poder e por uma vontade de saber.

Claro que, ainda que se faça uma boa paráfrase de um autor, a autoria daquele discurso deve ser sempre evidenciada, citando-se o nome do autor e o data do texto. Por exemplo, “Foucault (1979)”, como feito no exemplo 3, logo acima.

Uma forma de citação que deve ser empregada com muito cuidado é a citação secundária, no estilo *apud*, aquela na qual se menciona a fala de um autor que se leu por meio da citação de outro autor. Sempre que possível, vá ao autor “primário” e leia-o.

Existem algumas expressões ou modos que sinalizam a abertura do texto para o pensamento ou a voz alheia, no discurso científico. Antes de citar algumas, no entanto, chama-se a atenção para que essa passagem seja o mais natural possível no texto, que surja em decorrência da argumentação traçada e não imposta abruptamente ao leitor.

Algumas formas de se introduzir a fala do autor diretamente:

O autor x menciona “...”
Cunha (1999) propõe que “...”
Orlandi postula que “...”
O autor x afirma “...”
O autor x indica “...”
Fulano define X como “...”

E de se fazê-lo indiretamente (note o emprego da vírgula):

Conforme propõe x, ...
No entender do autor x, ...
De acordo com Fulano, ...
Para o autor x, ...
Como afirma Fulano, ... No entendimento de Fulano, ...

Pode-se, ainda, subdividir o desenvolvimento nas seguintes partes: uma para tratar da parte da *fundamentação teórica*, outra para tratar da *metodologia* e outra para tratar da *análise e da discussão de resultados*. Essa divisão é mais comumente encontrada em artigos práticos, de análise ou estudo de caso.

Também, é preciso lembrar-se de nomear e citar as fontes dos quadros, figuras, mapas, tabelas, gráficos e de outras ilustrações que apareçam no texto, pois é preciso orientar o leitor sobre o que é aquele elemento, a que ele se refere e de onde saiu. Lembre-se que uma das características do artigo é ser *embasado*.

Como é passível haver certa dificuldade para se saber como iniciar o parágrafo de um texto científico, serão deixadas aqui algumas sugestões. São elas:

1. Iniciar por uma pergunta ou uma série de perguntas (para se discutir o problema nas páginas seguintes).

Ex:

São duas as questões que orientam esta minha exposição:

1. De um lado, como a teoria e análise do discurso está constituída hoje (a que metáforas recorre para compreender e se fazer compreender)?
2. Como o discurso é conceituado na contemporaneidade?

Retirado de Eni Orlandi, “Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia”. 2012, p.37.

2. Uma afirmação:

Ex:

Estamos, pois, no momento de uma *virada* na análise do discurso. Inauguração de um novo campo de questões. Uma nova conjuntura histórica da discursividade leva a análise do discurso a novas indagações. [...]

Retirado de Eni Orlandi, "Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia". 2012, p.43.

3. Uma citação:

Ex:

O político, ou o melhor, o confronto do simbólico com o político, como diz M. Pêcheux (1975), não está presente só no discurso político. [...]

Retirado de Eni Orlandi, "Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia". 2012, p.55.

4. Apresentação de um argumento que se vai contradizer:

Ex:

Aí se iludem os que reduzem a análise, afirmando só existência do discurso, absolutizando-o. Como M. Pêcheux, gostaria de reafirmar que além do real da língua há o real da história. E é deste real que se trata quando nos colocamos criticamente [...].

Retirado de Eni Orlandi, "Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia". 2012, p.34.

5. Anúncio de um acontecimento para confirmá-lo ou refutá-lo:

Ex:

Com o fim da guerra fria tem-se a ilusão de que nasce a "comunidade internacional". O mundo é Um. Mas a aparente unificação planetária esconde profundas disparidades (BRUNEL, 2007). As tecnologias progridem, mas não abolem o tempo e o espaço. A distância se aprecia em função do equipamento os lugares em redes que define sua acessibilidade.

Retirado de Eni Orlandi, "Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia". 2012, p.24.

6. Descrição de uma transformação sócio-histórica:

Ex:

Nos anos 1960/1970, estávamos no contexto da Guerra Fria, pegos pelas questões postas pela relação entre esquerda e direita, pela política praticada na relação entre USA e URSS. [...] No século XXI, nossas questões passam pela mundialização e seus efeitos nas políticas dos estados nacionais [...].

Retirado de Eni Orlandi, "Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia". 2012, p.24.

7. Uma definição:

Ex:

A natureza humana é constituída de pulsões, sendo que, as duas principais, instaladas em todo indivíduo, são: - a pulsão alimentar, econômica, lógica, que conduz a uma propaganda do raciocínio argumentado, fundado na educação pela observação e reflexão; - a pulsão afetiva, agressiva, combativa, desembocando em uma propaganda militar de reflexos e de emoções, apoiada em uma liturgia estético-religiosa dos signos e gestos.

Retirado de Eni Orlandi, "Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia". 2012, p.111.

8. Referência à etimologia ou à significação de uma palavra:

Ex:

Se buscarmos a palavra francesa *connaissance*, podemos observar que o termo conhecimento é originário da palavra nascer (*naissance*). Os homens são diferentes dos outros seres exatamente pela capacidade de conhecer, sua consciência. O conhecimento é uma forma de estar no mundo, e o processo do conhecimento mostra aos homens que eles jamais são seres prontos ou possuem formulações absolutas na medida em que estão sempre nascendo de novo, descortinar a realidade.

Retirado de Ivana Schnitman, "Metodologia do Trabalho Científico", 2011, p. 9.

Foram citadas algumas maneiras de iniciar-se o parágrafo, muitas outras existem e podem ser empregadas pelos redatores do artigo. O importante é primar-se pela qualidade da escrita tanto quanto do que é escrito. As duas juntas dizem igualmente do pesquisador e de sua competência.

A concisão, a objetividade e a clareza são qualidades textuais que deverão ser tomadas como referência de linguagem. E nem sempre essas qualidades são obtidas na versão preliminar da escrita, merecendo-se assim retomar o texto, após a finalização da primeira versão, para uma cuidada revisão textual. Afinal, toda escrita é orientada para um leitor, que merece o nosso cuidado.

g) A *conclusão ou considerações finais* refere-se à parte final do artigo, na qual se apresentam as conclusões correspondentes aos objetivos e hipóteses levantadas inicialmente. Ou ainda, às conclusões possíveis decorrentes do que foi exposto no artigo. Nela, podem aparecer algumas sugestões de pesquisas futuras.

h) As *referências bibliográficas* devem se referir aos textos empregados no artigo, citados ao longo deste, e não a todos àqueles lidos para a sua elaboração. Deverão estar de acordo com as normas da ABNT vigente, no caso atual, trata-se da NBR 6023.

i) O *apêndice* é um elemento opcional e refere-se ao texto ou documento elaborado pelo autor do artigo, com finalidade de complementar sua argumentação, sem prejuízo da unidade nuclear do trabalho. De acordo com a NBR 6022, o(s) apêndice(s) é identificado por letras maiúsculas consecutivas, travessão e pelos respectivos títulos.

Exemplo citado na NBR 6022/2003:

APÊNDICE A – Avaliação numérica de células inflamatórias totais aos quatro dias de evolução

APÊNDICE B – Avaliação de células musculares presentes nas caudas em regeneração

j) O *anexo* refere-se ao texto ou documento não elaborado pelo autor, que serve de fundamentação, comprovação e ilustração em seu artigo. A NBR 6022 propõe que o(s) anexo(s) sejam identificados por letras maiúsculas consecutivas, travessão e pelos respectivos títulos.

Exemplo citado na NBR 6022/2003:

ANEXO A – Representação gráfica de contagem de células inflamatórias presentes nas caudas em regeneração – Grupo de controle I (Temperatura...)

ANEXO B – Representação gráfica de contagem de células inflamatórias presentes nas caudas em regeneração – Grupo de controle II (Temperatura...)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A partir dos elementos abordados neste texto, forneceu-se um arcabouço metodológico e textual que permite aos estudantes orientarem-se para a produção de artigos científicos com mais qualidade no âmbito deste gênero textual, o qual apresenta especificidades que precisam ser seguidas, a fim de que “pesem” positivamente para a aceitabilidade do texto dentro da comunidade discursiva da área em que se insere.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022:** Informação e documentação – artigo em publicação periódica científica impressa - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6028:** Resumo – apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

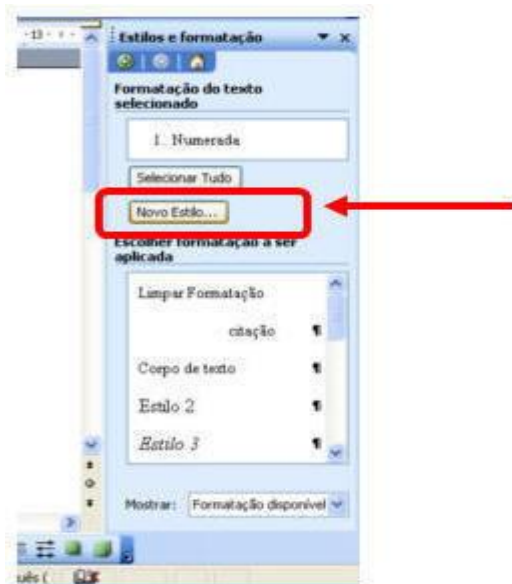
SCHEIBEL, Maria Fani; VAISZ, Marinice Langaro (orgs.). **Artigo científico:** percorrendo caminhos de sua elaboração. Canoas: Editora ULBRA, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Argumentação, Estilo, Composição:** introdução à escrita acadêmica. Porto Alegre: UFRGS/PPGE-Programa de Pós-Graduação em Educação, 2006.

ANEXO A: Para formatar estilo parágrafos e citações

Selecione o texto a ser formatado

1. Clique em Formatar>Formatar estilos e formatação
2. Clique em Novo Estilo



4. Escolha o nome do estilo. Por exemplo: citação
5. Escolha o modelo do parágrafo seguinte. Exemplo: normal
6. Modifique os critérios de acordo com as normas.
 - a. Exemplo: corpo 10, recuo 4 cm, justificado, espaçamento simples



7. Selecione as opções Adicionar ao Modelo e Atualizar Automaticamente

ANEXO B: Para formatar títulos, subtítulos e fazer o sumário automático

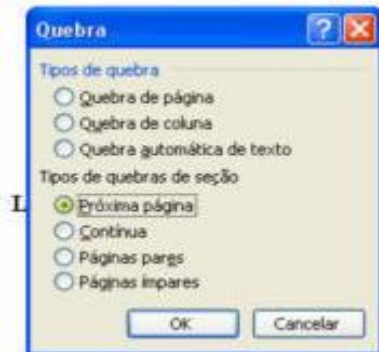
1. Selecione o título
2. Na janela de estilos, clique em título 1



3. Formate o título no estilo desejado. Exemplo: Arial, negrito, corpo 12, maiúsculas;
4. Selecione um subtítulo e faça o mesmo, desta vez escolhendo o modelo de título 2 e modificando para Corpo 12, normal, negrito, arial.
5. Selecione o subtítulo 3 e modifique: Arial, corpo 12, sem negrito, itálico
6. Faça isso com todos os títulos do trabalho

ANEXO C: Para numerar páginas, sem numerar capa e introdução

1. Posicione antes da primeira palavra da capa;
2. Clique em Inserir Quebra> e marque a opção conforme a figura abaixo.



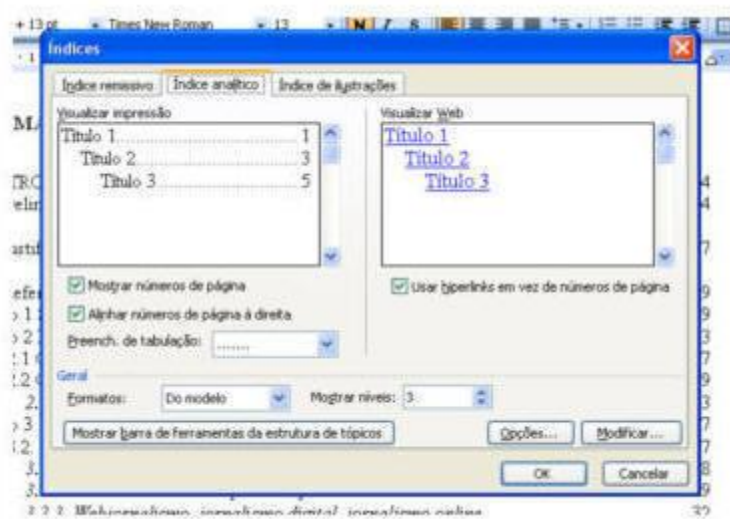
3. Clique na última palavra da página e insira Quebra>Próxima página
4. Faça a mesma coisa em todas as páginas até a primeira página da Introdução
5. Clique na página da Introdução
6. Clique em Inserir Números de Página
7. Formate para inferior>Direita e deixe sem selecionar o item “mostrar número na primeira página”
8. Clique em Formatar



9. Conte o número de páginas até a Introdução
10. Insira o número da página referente à Introdução, onde a numeração deverá começar.
11. Volte às páginas anteriores, naquelas onde houver numeração, clique em Inserir>Número de Páginas> Desmarque a opção “Mostrar o número na 1ª página”

ANEXO D: Para fazer o sumário automático

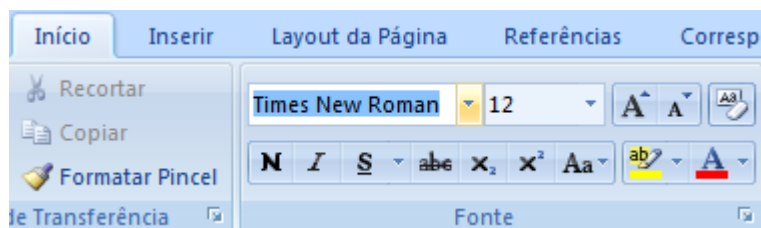
1. Clique na página em branco do sumário
2. Clique em Inserir>Referência>Índices
3. Clique em índice analítico



4. Mantenha o Formato "Do modelo"
5. Clique ok
7. Se houver alguma mudança no documento, apenas clique com o lado direito do mouse no sumário, clique em Atualizar Campo;
8. E escolha atualizar o índice inteiro.

ANEXO E: Como formatar o tipo e o tamanho da fonte

Estas são duas das configurações mais elementares de um texto. Para ajustá-las, na guia Início do Microsoft Word 2007 e Word 2010, procure o campo *Fonte*.



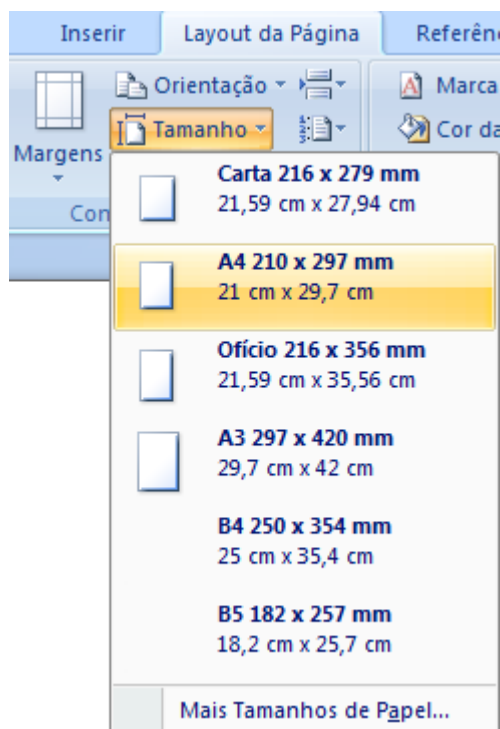
As duas fontes previstas para um trabalho acadêmico são: Times New Roman ou Arial. No entanto, é indicado em nossa instituição o uso da fonte Arial.

O tamanho de fonte recomendado é *12 pts*.

A exceção é para citações de mais de três linhas, notas de rodapé, paginação e legendas de ilustrações e tabelas, que “*devem ser digitadas em tamanho menor e uniforme*”. Sugiro que seja utilizado tamanho 10 nestes casos.

ANEXO F: Como formatar o tamanho do papel

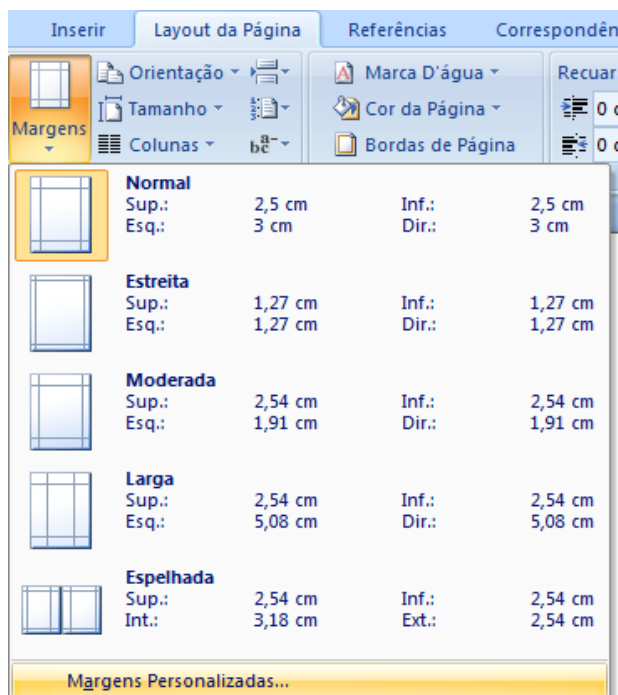
Configurar o tamanho do papel é uma das formatações mais fáceis de fazer. Basta selecionar a guia *Layout da Página* e clicar em *Tamanho*.



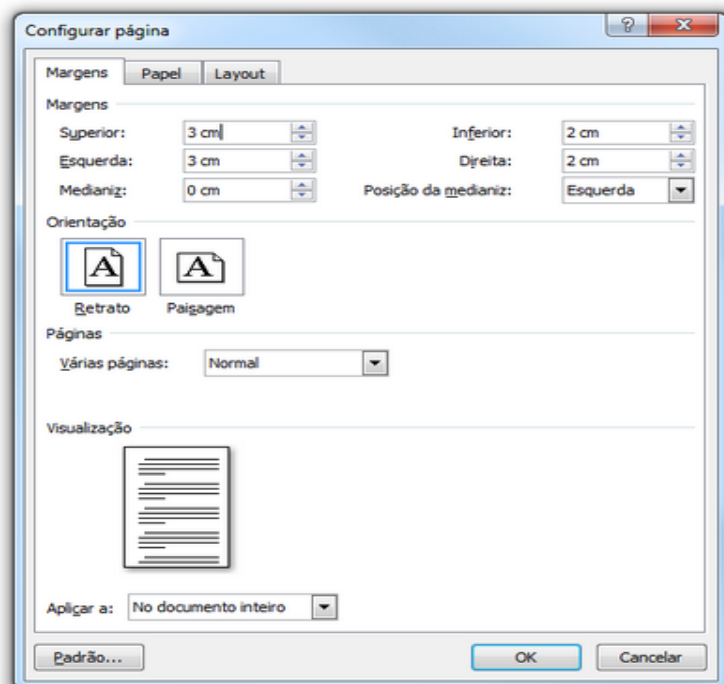
A ABNT determina que todo trabalho acadêmico seja escrito em papel A4.

ANEXO G: Como formatar a margem

Na mesma guia *Layout da Página*, clique em *Margens* e depois em *Margens Personalizadas*.



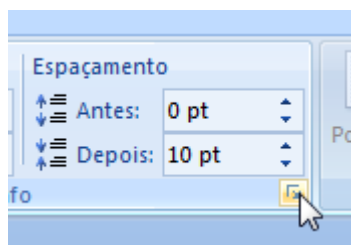
Na janela que se abre, digite o padrão definido pela ABNT nos respectivos campos: margem **esquerda e superior de 3 cm**; **direita e inferior de 2 cm**.



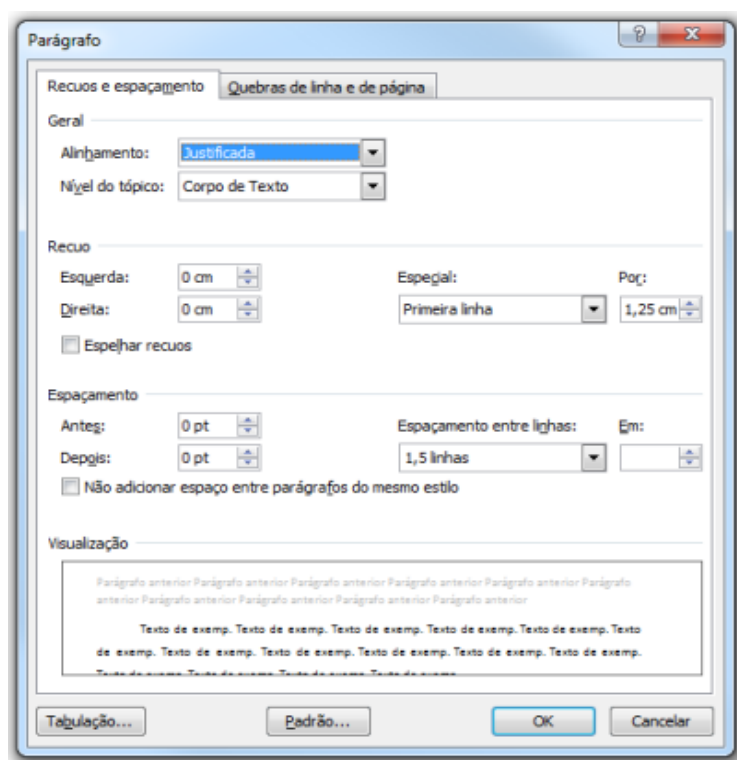
Clique no botão *OK* e suas margens estarão configuradas.

ANEXO H: Como formatar o parágrafo (recuos e espaçamento)

O primeiro passo é abrir a janela *Parágrafo*. Para isso, ainda na guia *Layout da Página*, procure o campo *Espaçamento*. Clique no pequeno ícone no canto inferior direito deste campo.



A janela *Parágrafo* será aberta. Nela, três coisas serão configuradas: **alinhamento**, **reco** e **espaçamento**.



Alinhamento – Para o alinhamento, basta selecionar *Justificada* e manter o campo *Nível do tópico* com *Corpo de texto*.

Reco – Para a primeira linha, recomendo que seja utilizado 1,25 cm. Isto é feito selecionando *Primeira linha* no campo *Especial* e digitando 1,25 no campo *Por* (veja figura acima).

Para as citações diretas longas (mais de três linhas), exige-se o reco de 4 cm da margem esquerda.

Os recuos à esquerda e à direita devem ser mantidos em zero, com exceção dos casos de citações descritos acima.

Espaçamento – Também chamado de espacejamento (inclusive pela própria ABNT), o espaçamento também é muito fácil de ser configurado. Contudo, vale uma rápida observação. Na nomenclatura utilizada no Microsoft Word, *Espaçamento* é o espaço *antes* e *após* os parágrafos — daí os dois campos *Antes* e *Depois*.

Já o *Espaçamento entre linhas* é a distância entre cada linha dentro de um mesmo parágrafo.

Entre parágrafos, espaçamento, ambos devem ser mantidos em zero.

Para ficar de acordo com a ABNT, o espaçamento entre linhas deve ser configurado em 1,5. Basta selecionar *1,5 linhas* no campo *Espaçamento entre linhas*. Deixe o campo *Em* em branco.

Clique no botão OK e seu parágrafo estará formatado.